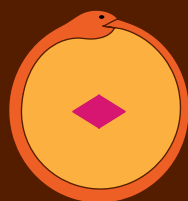
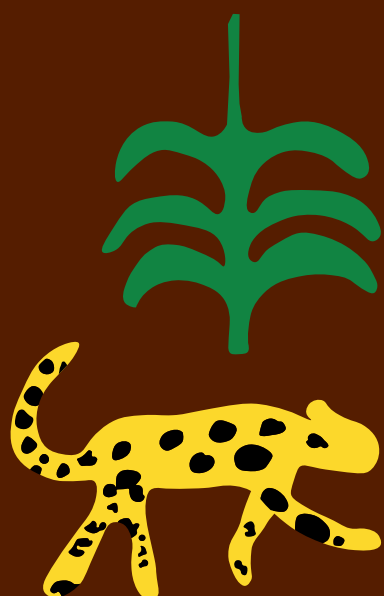




VIVA VIVA ESCUELA VIVA



cuadernos
SELVAGEM

VIVA VIVA ESCUELA VIVA

Entre el 2 de diciembre de 2023 y el 28 de enero de 2024, Selvagem – ciclo de estudios sobre la vida celebró las ESCOLAS VIVAS [ESCUELAS VIVAS] con una gran exposición de artes y medicinas en la Casa França-Brasil, en el centro de Río de Janeiro. VIVA VIVA ESCOLA VIVA [VIVA VIVA ESCUELA VIVA] recibió, en menos de 2 meses, 19.530 visitantes.

La exposición también acogió el primer gran encuentro, mediado por CRISTINE TAKUÁ, de los representantes (artistas, profesores, chamanes y maestros) que conducen los cuatro centros de transmisión de conocimientos tradicionales que componen el proyecto [ESCUELAS VIVAS](#), de los pueblos MAXAKALI, HUMI KUI, TUKANO-DESSANO-TUYUKA y GUARANÍ – incluyendo la participación de la nueva ESCUELA VIVA BANIWA que se establecerá en 2024.

Comisariada por CRIS TAKUÁ, se exhibieron más de 100 obras, entre pinturas y dibujos MAXAKALI, acuarelas BANIWA, un panel de cuentas y un paño maestro HUMI KUI, cesterías, animales de madera y una cartografía de NHE'ÉRY – un gran mapa de la Mata Atlántica, pintado por jóvenes artistas GUARANÍ –, una pintura de AILTON KRENAK y una farmacia viviente amazónica organizada por el Centro de Medicina BAHSEKOWI, con preparados medicinales de los pueblos amazónicos.

Aquí, además de los textos y obras de la exposición, se incluyen enlaces para otros materiales producidos como parte de la colaboración entre Selvagem y las ESCUELAS VIVAS.

¡Buena lectura!



18 ALFANDEGA 52





SELVAGEM E AS ESCOLAS VIVAS

As ESCOLAS VIVAS são projetos indígenas de fortalecimento e transmissão de saberes tradicionais.

Atualmente, 4 centros realizam essas ativações em seus próprios territórios, enquanto se reúnem no movimento comum de se reconhecerem como escolas vivas.

Celebramos também a chegada de um novo centro, o Baniwa.

O movimento ESCOLAS VIVAS é coordenado por Cristine Taxuá, educadora, mãe, parteira, pensadora Maxakali que habita, junto a seu companheiro, Carlos Papá Porã Mirim, e seus filhos, Kauê e Djeguaká, a Terra Indígena Rio Silveira, do Povo Guarani-Mbya.

Ela mantém vivo o diálogo com cada centro e compartilha, em relatórios trimestrais, suas vivências.

Nosso apoio às ESCOLAS VIVAS
é expressão de nossa gratidão.

A origem do SELVAGEM se deve à experiência de trabalho e articulações com a imensa sabedoria dos povos indígenas. Desde 2022, nos envolvemos com a manutenção financeira desses 4 centros, captando os recursos que garantem aportes mensais regulares para cada projeto. A ação conta com o apoio da Saúva, uma associação sem fins lucrativos, que recebe e encaminha às ESCOLAS VIVAS todas as doações realizadas por pessoas físicas e instituições.

No SELVAGEM, cultivamos estudos e atividades através de uma rede colaborativa que conecta vozes, entrelaça conhecimentos e expande os movimentos do ciclo de estudos. Atualmente, essa teia, que chamamos de Comunidade, ramifica-se em 6 grupos de trabalho.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA conta com a realização do SELVAGEM, junto aos grupos de sua comunidade.

O Grupo Crianças ocupa um lugar especial na exposição. Um espaço, coordenado por Verônica Pinheiro, que chamamos de Maloca das Crianças.

O Grupo Produção se faz presente com a equipe de mediadores, que estará aqui durante toda a temporada, traçando percursos e diálogos com o público.

A existência de VIVA VIVA ESCOLA VIVA se deve à maravilhosa confiança de uma gama de apoiadores.

A eles, o nosso agradecimento!

Acreditamos que a abundância é mais bela
quando compartilhada.

Acreditamos na colaboração.

FAÇA SUA DOAÇÃO AQUI



ESCOLAS VIVAS
recebem
e se fortalecem



SELVAGEM
agradece



SELVAGEM Y LAS ESCUELAS VIVAS

Las ESCUELAS VIVAS son proyectos indígenas para fortalecer y transmitir conocimientos tradicionales.

Por ahora, cuatro centros realizan estas activaciones en sus propios territorios, a la vez que se unen en el movimiento común de reconocerse como escuela viva.

También celebramos la llegada de un nuevo centro, el BANIWA.

El movimiento ESCUELAS VIVAS está coordinado por CRISTINE TAKUÁ, educadora, madre, partera, pensadora MAXAKALI que vive, con su pareja, CARLOS PAPÁ, y sus hijos KAUE y DJEGUAKA, en la Tierra Indígena Río Silveira del Pueblo GUARANÍ-MBYA.

Ella mantiene vivo el diálogo con cada centro y comparte sus vivencias en informes trimestrales.

**Nuestro apoyo a las ESCUELAS VIVAS
es la expresión de nuestro agradecimiento.**

El origen de Selvagem se debe a la experiencia de trabajo y articulaciones con la inmensa sabiduría de los pueblos indígenas. Por lo tanto, desde 2022 nos involucramos con el mantenimiento financiero de estos cuatro centros, recaudando los recursos que garan-

tizan aportes mensuales regulares para cada proyecto. La acción cuenta con el apoyo de Saúva, una asociación sin fines de lucro, que recibe y envía a los apoyados las donaciones realizadas por personas e instituciones.

En Selvagem, cultivamos estudios y actividades a fuerza de una red colaborativa que conecta voces, entrelaza conocimientos y amplía los movimientos de los ciclos de estudios.

Actualmente, esta red, a la que llamamos Comunidad, se ramifica en seis grupos de trabajo.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA cuenta con la realización de Selvagem, junto a los grupos de su comunidad.

El Grupo Niños ocupó un lugar especial en la exposición. Un espacio, coordinado por Veronica Pinheiro, al que llamamos Maloca de los Niños.

El Grupo Producción estuvo presente con su equipo de mediadores, que estuvieron en la exposición durante toda la temporada, trazando rutas y diálogos con el público.

La existencia de VIVA VIVA ESCOLA VIVA se debe a la maravillosa confianza de una serie de apoyadores.

¡A ellos nuestro agradecimiento!

**Creemos que la abundancia es más bella
cuando se comparte.
Creemos en la colaboración.**



AS ESCOLAS VIVAS E OS TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO

TEMPO DO DESPERTAR
TEMPO DO RESPIRO
TEMPO DA ABUNDÂNCIA
TEMPO DAS MEMÓRIAS VIVAS E ATIVAS

O sonho de acordar as memórias e fortalecer os territórios passa por camadas muito sensíveis e desafiadoras de uma caminhada que trilhamos junto ao SELVAGEM, grande semeador de pensamentos. Esses passos conjuntos propõem uma alternativa à monocultura mental que ainda paira em muitas cabeças.

Através do diálogo com o tempo, entendemos os códigos que nos rodeiam. Alcançamos direções e percepções de tecnologias ancestrais que nos foram capturadas pelo enquadramento das formas de transmissão de saberes que habitam as escolas não vivas. O tempo nos reconecta com o ancestral, pois ele pode fazer desabrochar os conhecimentos que foram adormecidos e que outros tentaram apagar.

Ouvir, sentir, dialogar e respeitar
o tempo que transforma e cura.

O primeiro momento das ESCOLAS VIVAS foi o TEMPO DO DESPERTAR, em que a maioria dos projetos se viu na situação de organizar, estruturar e buscar maneiras de enfrentar as muitas dificuldades consequentes de toda a colonização e da recente crise provocada por ações genocidas do governo passado.

O segundo momento, que estamos vivendo agora, é o TEMPO DO RESPIRO. Após um ano de apoio, foi possível entender que os caminhos vão se abrindo quando focamos e nos concentramos em ações coletivas, trazendo entendimento sobre os passos que estão sendo dados. O respiro vem da sensação de acolhimento e da percepção de que é possível transformar nossas ações com base em cada realidade vivida.

Não estamos sozinhos.

Somos um coletivo que busca transformar a relação do ensinar-aprender, a relação do que é realmente necessário na troca constante de saberes que são ancestrais, mas que, por uma arrogância colonial e epistemológica, foram desfigurados em uma escola clássica e quadrada. O respiro vem da possibilidade de ouvir e sonhar histórias e transformá-las em arte junto a crianças, jovens e anciãos. A arte das ESCOLAS VIVAS não é arte-mercadoria, mas arte-pensamento, arte-sonho e arte-ação para o fortalecimento das vidas de cada cultura que está fazendo parte desse trabalho colaborativo.

A exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA comunica ao mundo a existência da resistência na forma de transmissão de saberes. Através do encontro com cada um dos coordenadores das ESCOLAS VIVAS, será possível que cada espaço-território compartilhe suas experiências e desafios, e assim, juntos, se fortaleçam. A cura da terra, a força dos cantos, as memórias de seres que já não vivem mais, como as árvores grandes das regiões de Minas Gerais, a oralidade das muitas narrativas sobre os seres espíritos, guardiões de tudo que habita na Terra, o respeito às medicinas tradicionais, a preservação do caminho do bem viver para viver em equilíbrio. Esses são os muitos sonhos que cada integrante das ESCOLAS VIVAS anseia.

Essa exposição traz o eco da força ancestral
que habita as muitas formas
de transmitir conhecimento.

A medida que cada representante e suas comunidades se reconheçam como ESCOLAS VIVAS ativas, chegaremos ao TEMPO DA ABUNDÂNCIA. Nele, cada coletivo transformará seu território e fará com que os sonhos sejam a realidade.

E, seguindo o futuro das ESCOLAS VIVAS, sonhamos viver o TEMPO DAS MEMÓRIAS VIVAS E ATIVAS, em um fluxo constante de trocas e sensíveis interações com todas as formas de vida.

Cristine Taxuá

LAS ESCUELAS VIVAS Y LOS TIEMPOS DE TRANSFORMACIÓN

por *Cristine Takuá*

Tiempo de despertar
Tiempo de tomar un respiro
Tiempo de la abundancia
Tiempo de los recuerdos vivos y activos

El sueño de despertar las memorias y fortalecer los territorios atraviesa capas muy sensibles y desafiantes de una jornada que realizamos junto a Selvagem, gran sembrador de pensamientos. Estos pasos conjuntos proponen una alternativa a la monocultura mental que todavía flota sobre muchas cabezas.

Mediante el diálogo con el tiempo, entendemos los códigos que nos rodean. Llegamos a direcciones y percepciones de tecnologías ancestrales que nos fueron arrebatadas por el marco de las formas de transmisión de conocimiento que habitan en las escuelas no vivas. El tiempo nos reconecta con la ancestralidad, que puede sacar a la luz conocimientos que fueron adormecidos y que otros intentaron borrar.

**Escuchar, sentir, dialogar y respetar
el tiempo que transforma y cura.**

El primer momento de las ESCUELAS VIVAS fue el **Tiempo de despertar** en el que la mayoría de los proyectos se encontraba en la situación de organizarse, estructurarse y buscar formas de afrontar las múltiples dificultades derivadas de la colonización y de la reciente crisis provocada por las acciones genocidas del gobierno anterior.

El segundo momento, que vivimos ahora, es el **Tiempo de tomar un respiro**. Tras un año de apoyo, ha sido posible comprender que los caminos se abren cuando nos enfocamos y nos concentramos en acciones colectivas, logrando entender los pasos que damos. El respiro viene del sentimiento de acogida y de la percepción de que es posible transformar nuestras acciones en función de cada realidad que vivimos.

No estamos solos.

Somos un colectivo que busca transformar la relación enseñanza-aprendizaje, la relación de lo que es realmente necesario en el intercambio constante de saberes ancestrales, pero que por la soberbia colonial y epistemológica, resultaron desfigurados en una escuela clásica y cuadrada. El respiro viene de la posibilidad de oír y soñar historias y transformarlas en arte junto con los niños, jóvenes y ancianos. El arte de las ESCUELAS VIVAS no es arte-mercancía, sino arte-pensamiento, arte-sueño y arte-acción para fortalecer las vidas de cada cultura que forma parte de este trabajo colaborativo.

La exposición VIVA VIVA ESCOLA VIVA comunica al mundo la existencia de la resistencia en la forma de transmisión de saberes. Mediante el encuentro con cada uno de los coordinadores de los cuatro proyectos, será posible que cada espacio-territorio comparta sus experiencias y desafíos para que juntos, se fortalezcan. La curación de la tierra, la fuerza de las canciones, las memorias de los seres que ya no viven, como los grandes árboles de las regiones de Minas Gerais, la oralidad de las muchas narrativas sobre los seres espíritus, guardianes de todo lo que habita la Tierra, el respeto a las medicinas tradicionales, la preservación del camino del buen vivir para vivir en equilibrio. Estos son los muchos sueños que anhela cada integrante de las ESCUELAS VIVAS.

Esta exposición se hace eco de la fuerza ancestral que habita en las múltiples formas de transmitir conocimiento.

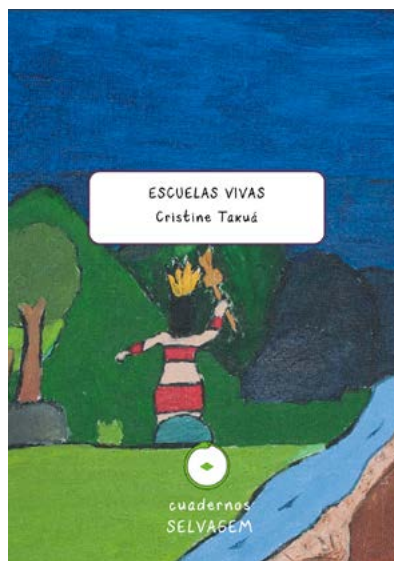
En la medida que cada representante y sus comunidades se reconozcan como ESCUELAS VIVAS activas, llegaremos al **Tiempo de la abundancia**. En él, cada colectivo activo transformará su territorio y convertirá sus sueños en realidad.

Siguiendo el futuro de las ESCUELAS VIVAS, soñamos vivir el **Tiempo de los recuerdos vivos y activos**, en un flujo constante de intercambios e interacciones sensibles con todas las formas de vida.





MAÍRA DJERA
"MBARAETE", 2021
Acrílica sobre tela
50 x 40 cm



El arte de Maíra también está en la portada del [Cuaderno Selvagem Escuelas Vivas](#), de Cristine Taxuá, publicado en 2022.



QUEM SOMOS

ESCOLA VIVA SHUBU HIWEA HUNI KUI

Coordenadores | Dua Busẽ e Teresa Netẽ

Artistas | José Mateus Itsairu, Jaosni Sales Ixã, Iran Pí-
nheiro Sales Bane, Mulheres do povo Huni Kuĩ (painel de
miçangas), Zenira Nesheni e Renato Maná

ESCOLA VIVA ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA MAXAKALI

Coordenadores | Sueli e Isael Maxakali

Artistas | Anilzinha Maxakali, Eliana Maxakali, Joana Ma-
xakali, Juliana Maxakali, Jupira Maxakali, Marcinho Ma-
xakali, Marciana Maxakali, Marcos Maxakali, Marieneide
Maxakali, Vilmará Maxakali, Voninho Maxakali, Taxna Ma-
xakali, Zezão Maxakali e Zilda Maxakali

PONTO DE CULTURA MBYA ARANDU PORÁ GUARANI

Coordenadores | Carlos Papá e Cristine Takuá

Artistas | Fabiano Kuaray Papa, Alexandre Wera, Bruno
Djeguaka, Maira Djera, Marcinho Xunu, Kauê Karai Tataendy,
Wera Juninho Leonardo Karai Rokadju e Milena Jaxuka

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA BAHSERIKOWI TUKANO E DESANA


Coordenadores | João Paulo Lima Barreto e Anacleto Barreto

Organizadores | Carla Wisu, Ivan Tukano, Durvalino Kisibi,
Pedro Tukano, Janicleia Pedrosa e Janine Fontes

ESCOLA VIVA BANIWA

Coordenadores | Francisco Fontes Baniwa e Francy Baniwa

Artista | Frank Baniwa



MAPA DE LA EXPOSICIÓN





SHUBU HIWEA, A ESCOLA VIVA HUNI KUI

Dentro da história tem cantoria, tem medicina. Enquanto eu estou vivo, eu sou escola viva. Sou vivo, falo, indico, explico, ensino. Por isso eu chamei meu kupixawa de escola viva, porque eu estou lá, dentro do meu kupixawa, contando história e escrevendo no quadro. Eu estou dando aula. Por isso eu pensei escola viva. Escola viva não é só uma, não. Todo mundo hoje em dia é escola viva, porque estamos resgatando nossa cultura, que estava escondida. Foi isso que pensei, para deixar tudo, para sempre, para eles.

Pajé Dua Busê

Os Huni Kuĩ vivem na região tropical amazônica, distribuindo-se pelo leste peruano até a fronteira com o Brasil, e pelo Acre e sul do Amazonas. Constitui a mais numerosa população indígena do Acre.

A ESCOLA VIVA Huni Kuĩ é um sonho do pajé Dua Busê. Ele vive com sua família na aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. Dua Busê possui profundos saberes da cultura Huni Kuĩ – de histórias, medicina, música e espiritualidade – e, ao longo dos anos, tem transmitido seus conhecimentos para outros pajés e aprendizes.

Em sua aldeia, ele criou um grande Jardim, que batizou de Parque União da Medicina, onde são feitos cultivos, estudos e práticas dos saberes da medicina tradicional de seu povo. Como grande conhecedor, ele se preocupa com o futuro das novas gerações e vem buscando meios de manter a memória viva.

Quando está em roda com seu povo ou quando caminha acompanhado pelo seu parque de plantas medicinais, Dua Busê costuma dizer: "É tudo isso, estou aqui, a ESCOLA VIVA está aberta".

Anna Dantes



SHUBU HIWEA - ESCUELA VIVA HUMI KUI

Coordinadores: Dua Busê y Teresa Netê

Dentro de la historia hay canto, hay medicina. Mientras esté vivo, soy escuela viva. Soy vivo, hablo, señalo, explico, enseño. Por eso llamé a mi KUPIXAWA de ESCUELA VIVA, porque estoy ahí, dentro de mi KUPIXAWA, contando historias y escribiendo en la pizarra. Estoy dando clases. Por eso pensé en la escuela viva. Escuela viva no es solo uno. Todo el mundo hoy día es una escuela viva, porque estamos rescatando nuestra cultura, que estaba escondida. Eso es lo que pensé, para dejarlo todo, para siempre, para ellos.

DUA BUSÊ

Los HUMI KUI viven en la región amazónica tropical, extendiéndose por el este de Perú hasta la frontera con Brasil, pasando por Acre y el sur de Amazonas. Son la población indígena más numerosa de Acre.

La ESCUELA VIVA HUMI KUI es un sueño del chamán DUA BUSÊ. Él vive con su familia en la Aldeia Coração da Floresta [Aldea Corazón de la Floresta], en el Alto Río Jordão. DUA BUSÊ tiene conocimientos profundos de la cultura HUMI KUI – de historias, medicina, música y espiritualidad – y, a lo largo de los años, ha transmitido sus conocimientos para otros chamanes y aprendices.

Él creó, en su aldea, un gran jardín al que llamó Parque União da Medicina [Parque Unión de la Medicina], donde se hacen cultivos, estudios y prácticas de los conocimientos de la medicina tradicional de su pueblo. Como gran conocedor, él se preocupa por el futuro de las nuevas generaciones y busca formas para mantener viva la memoria.

Cuando está en rueda con su pueblo o cuando camina acompañado por su parque de plantas medicinales, DUA BUSÊ suele decir: “es todo eso, estoy aquí, la Escuela Viva está abierta.”

Clara Almeida



LA CASA DE ESENCIAS HUNI KUI

El trabajo de las Casas de Esencias es una rama de la ESCUELA VIVA HUNI KUI.

Es el lugar para los experimentos con las medicinas tradicionales. En laboratorios instalados en cinco aldeas a lo largo del Río Jordão, en Acre, investigadores de las plantas nativas utilizan nuevas técnicas de extracción de esencias y principios activos botánicos para preparar aromas naturales y medicinas para uso comunitario en las aldeas.

Los estudios que se llevan a cabo en las Casas de Esencias reúnen antiguos chamanes y jóvenes aprendices para intercambiar saberes y perpetuar los conocimientos tradicionales.

Las Casas de Esencias son fruto del sueño del chamán AGOSTINHO IKA MURU y nacieron de la voluntad de ISAKA MATEUS, de la aldea São Joaquim, y TIAGO IBÁ, de la aldea Novo Natal, de aprender sobre la manipulación de las plantas y producir aceites, hidrolatos y esencias. Desde 2016, ISAKA Y TIAGO cuentan, en este proceso de aprendizaje, con la colaboración de Mestre Índio, de la Escola de Espagiria [Escuela de Espagiria], y Juliana Nabuco.

El sueño del chamán IKA MURU está registrado en la apertura del libro UNA ISI KAYAWA [Libro de la curación del pueblo Huni Kuí], publicado por Dantes Editora y el Jardín Botánico de Río de Janeiro:

“Es ahora que empezarán a reconocer nuestro documento, nuestra identidad, la biodiversidad de la naturaleza que tenemos. Ese oro en mano que nunca destruimos. Ahora estamos empezando a valorarlo y en el futuro construiremos nuestro laboratorio indígena. Quienes estén interesados tendrán que estudiarlo también e idear otra forma de utilizarlo, como antes se hacía. Hasta el día de hoy y desde nuestros orígenes, nuestra gente, nuestros antepasados y nosotros hemos venido utilizando culturalmente este sistema.”

En 2019, un pequeño laboratorio permaneció activo durante todo el evento de Selvagem en el teatro del Jardín Botánico de Río de Janeiro, mientras ISAKA y TIAGO IBÁ presentaban sus investigaciones con hierbas aromáticas.



[Ni Ininipa Casas de Esencias Huni Kuí](#), película narrada por el chamán Dua Busẽ, presenta la llegada de los laboratorios en las aldeas con imágenes de la cosecha, destilación, aceites y plantas.

CUADERNOS Y CARTILLAS HUMU KUÏ

La historia del pueblo HUMU KUÏ suele ser dividida en cinco tiempos:

Tiempo de las Malocas, en el que vivían desnudos, antes del contacto con los blancos.

Tiempo del Ajetreo, cuando fueron aplastados por las armas de fuego, les tomaron el territorio y quedaron reducidos a poco más de 300 personas.

Tiempo del Cautiverio, en el que fueron hechos rehenes de los caucheros, quienes implementaron el sistema de esclavitud de las chabolas, bajo el que nacieron todos los actuales HUMU KUÏ ancianos.

Tiempo de los Derechos que, a partir de la década de 1970, contó con los planteamientos de los antropólogos Terri de Aquino y Marcelo Piedrafita en la constitución de cooperativas y la delimitación de los territorios.

Nuevo Tiempo, XINÁ BENA, que une la transmisión de las tradiciones entre mayores y jóvenes a los intercambios con el mundo del siglo XXI.

Cuando papel, lápiz y bolígrafo entraron en la cultura HUMU KUÏ, en el **Tiempo de los Derechos**, esos objetos fueron apropiados como instrumentos de investigación para las prácticas de transmisión de conocimiento. Mientras los chamanes cuentan historias de los antiguos, aprendices dibujan y pintan y, así, reavivan memorias y ancestralidad.

RENATO MANÁ y ZENIRA NESHEMI, de la Aldea Novo Segredo, en el Alto Río Jordão, prepararon ocho dibujos que presentan YUXIBU, creador del Sol, de las estrellas, de la Tierra y de la selva y las familias INU BAKE, INAMI BAKE, DUA BAKE y BANU BAKE que es como las personas, animales, plantas y elementos se dividen en el mundo HUMU KUÏ.

Para profundizar el tema, visite el sitio web de la exposición [Una Shubu Hiwea](#) y las publicaciones de la [Comissão Pró-índigenas do Acre](#) [Comisión Pro Indígenas de Acre].





RENATO MANÁ Y ZENIRA NESHENI,
Arcoiris Bari Sitā - Yuxibu,
Sol Bari - Yuxibu,
Estrella Bimi - Yuxibu,
Floresta Ni - Yuxibu,
Inu Bake, Inani Bake,
Dua Bake, Banu Bake, 2023
Rotulador y lápices de colores
sobre papel / 21 x 29 cm.





JOSÉ MATEUS ITSAIRU

Huã Kary Yuxibu, 2017

Acrílico sobre lienzo

140,0 x 260,0 cm

Colección MAR / Museo de Arte de Río de Janeiro

SMCRJ [Secretaría Municipal de Cultura de Río de Janeiro] / Fundo Z

HUÃ KARU YUXIBU
HISTORIA DEL DUEÑO DE LOS
PODERES DE LA NATURALEZA
Narrada por Dna Busã

Traducida y revisada por Tadeu Mateus HUNI KUÏ, en 2017

Las familias vivían en malocas. La mujer soltera siempre iba a buscar trozos de madera para hacer leña para el fuego. Una vez se enamoró de un trozo de madera, HUÃ KARU.

Ella dijo: – Si fuera un hombre tan guapo como este trozo de madera, me casaría con él.

Cuando anocheció, la noche de luna, la mujer fue a hacer pis y encontró a este muchacho en el patio. Ella le preguntó: ¿Quién eres?

Él le contestó: – Hablaste conmigo.

Ella dijo: – No hablé contigo, hablé con HUÃ KARU.

Él dijo: – Soy yo quien me he transformado.

Ella se enamoró y empezó a salir con él hasta quedar embarazada. Un día, la gente del pueblo quemó toda la leña. Después el hombre ya no vino, desapareció. La madre se quejó de que estaba embarazada sin marido. El niño en el vientre empezó a hablar: – Mamá, vámonos de aquí. Vayamos a la tierra de mi familia, la tierra de HUĀ KARU YUXIBU.

La mujer huyó con el niño en el vientre. En el camino, el niño empezó a explicar: – Mamá, hay dos caminos adelante. El camino más cerrado es el camino de mi familia. El camino más limpio, que tiene plumas de guacamayo en el borde, es el camino de los İKA. Toma el camino cerrado.

El niño le pedía a su madre que le consiguiera semillas y flores, y su madre lo hacía. Adelante había semillas de platanillo y él le pidió a su mamá que se las llevara. Cuando ella iba a sacarlas, una avispa que estaba en la hoja de platanillo la picó.

Ella se enojó y se golpeó el vientre. El niño, enojado, dejó de hablar.

La madre siguió el viaje y tomó el camino equivocado. Llegó a la tierra de los İKA y encontró la tía de HUĀ KARU, YUSHA KURU, hilando algodón.

YUSHA KURU dijo: – ¿Por qué viniste aquí? EL İKA me ha traído y él es muy peligroso. Él come a la gente.

La madre de HUĀ KARU se quedó ahí e YUSHA KURU preparó carbón para protegerla cuando el İKA llegase y le pedise que le quitara los piojos.

Ella dijo: – Si no te gustan los piojos, él te comerá. Su piojo es un escarabajo.

Cuando terminó de prepararse, los İKA llegaron y un anciano le pidió para quitarle piojos. La madre de HUĀ KARU le quitó los piojos al İKA, mascando el carbón y tirando los piojos. Finalmente, llegó el último İKA que le pidió para quitarle piojos, pero se había acabado el carbón. Cuando ella puso el escarabajo en la boca, vomitó. EL İKA se enojó y la atacó. Ella murió y los İKA abrieron su vientre para comerla. HUĀ KARU saltó al regazo de su tía.

La tía les dijo: – Ustedes ya se están comiendo la madre. No tienen que comerse el niño. Como no tengo hijos, voy a criar al niño.

HUĀ KARU YUXIBU creció de la noche a la mañana. Creció rápido. Él les pidió a los İKA que le hicieran flechas para pescar. Llamaba a la tía de madre. Un día, él descubrió que los İKA se habían comido a sua madre y decidió vengarse.

Los İKA siempre salían a cazar. Al regresar de la caza, HUĀ KARU construyó una trampa con una palmera que arrojaba el İKA para lejos cuando el İKA cruzaba el camino. HUĀ KARU volvía para casa con la caza. Y los İKA fueron desapareciendo. Cada vez había menos İKA.

Comenzaron a desconfiar de HUĀ KARU y acordaron matarlo.

El cacique [jefe] de los İKA advirtió a todos los İKA que se preparasen para matar a HUĀ KARU. La tía le pidió a HUĀ KARU que huyera.

Él le dijo: – No tengo miedo.

Tomó una flauta y una pequeña clava y se sentó en medio de la maloca, tocando su flauta. Los İKA entraron armados en la maloca, por todos lados. HUĀ KARU se levantó, gritando, golpeó el centro de la maloca con su clava y su golpe cayó como un relámpago. Él saltó a lo alto de la maloca. Sólo él y su tía se escaparon. Se acabaron los İKA.

HUĀ KARU preguntó a su tía dónde los İKA tiraban los huesos. La tía le mostró una sapopema [remo caspi]. HUĀ KARU entró al bosque y fue a recoger una medicina, la frotó en las manos y exprimió la medicina en cada hueso que encontró.

La primera gota cayó sobre el hueso de un tapir, y éste salió corriendo vivo. Hizo esto con todos los animales: venado, cerdo, agutí, caimán. Al final encontró los huesos de su madre, sólo los pedacitos. Les puso la medicina y la madre volvió a ser una persona. HUĀ KARU, su madre y su tía, YUSHA KURU finalmente tomaron el camino para la aldea de la familia de HUĀ KARU. Viajaron todo el día hasta el anochecer. HUĀ KARU hizo un campamento tradicional. HUĀ KARU enseñó las medicinas para su tía durante toda la noche. Ya amanecía, la tía tenía mucho sueño y HUĀ KARU le iba a enseñar la última medicina. La tía le pidió que le enseñara al día siguiente. Era la medicina que devolvía la vida. Durmieron. Al día siguiente, HUĀ KARU ya no enseñó. Por eso nuestra gente no conoce esta medicina.





JASONI SALES IXÃ

Basne Puru Yuxibu, 2017

Acrílico sobre lienzo

142,0 x 258,0 cm

Colección MAR / Museo de Arte de Río de Janeiro

SMCRJ [Secretaría Municipal de Cultura de Río de

Janeiro] / Fundo Z

BASNE PURU YUXIBU

HISTORIA DE LA ARAÑA ENCANTADA

Narrada por Tadeu Mateus Huni Kuĩ, en 2017

1. Una mujer HUMI KUÏ vivía en una maloca. Ella no tenía ropa, no sabía tejer, no sabía hacer nada. Una vez, la mujer vio a la araña tejiendo rápidamente su casa y dijo: – Vaya, esta mujer araña está construyendo su casa muy rápido. Si nosotros, HUMI KUÏ aprendemos, también podremos construir casas, ropa...

2. Al día siguiente, apareció la anciana BASNE PURU llevando en su axila el hilo preparado. La mujer le preguntó: – ¿Quién eres? BASNE PURU respondió: – Soy la araña encantada. Ayer te escuché pidiendo para aprender a tejer y traigo material para enseñarte.

3. La araña enseñó a la mujer como hacer hamaca, MMABÃ.

4. La araña tomó el hilo y lo llevó para traerlo al día siguiente.

5. Al día siguiente, BASNE PURU entregó la hamaca hecha, sin ningún dibujo, solo la hamaca.

6. La mujer quiso tener semillas de este algodón para plantar. Ella pidió las semillas para BASNE PURU. BASNE PURU le llevó muchas semillas. Semillas buenas y semillas que causaban problemas.

7. La mujer plantó algodón en el campo con su marido.

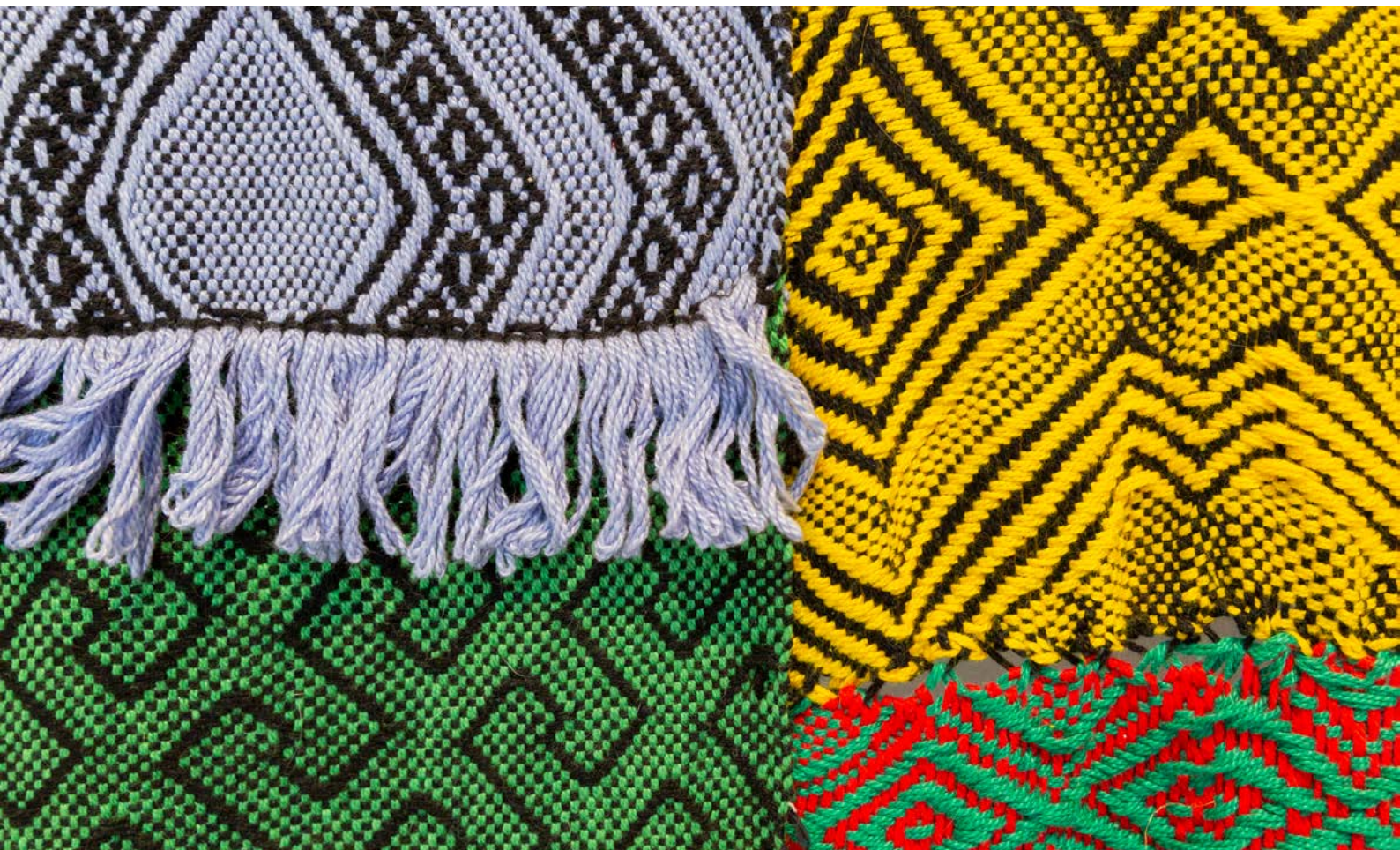
8. El algodón nació con hilos de colores diferentes: negro, rojo, blanco... todos los colores. La mujer daba semillas para la familia plantar en el campo. Cada color tenía su semilla.

9. Cuando tenía hilo suficiente para hacer un chaleco, entregaba el hilo para que BASNE PURU tejiera para ella.

10. BASNE PURU hacía cinco hamacas cada noche y al día siguiente se las entregaba.

11. Un día, la mujer dijo: – BASNE PURU hace hamacas, chalecos, ropa... Es bueno que aprendamos a hacer nuestras propias cosas.

12. Al día siguiente, BASNE PURU llegó con semillas de algodón. Y las semillas coloridas BASNE PURU se las llevó consigo para siempre. Hoy día sólo nacen bolas de algodón, ya no nacen hilos de colores. El pueblo empezó a trabajar, sembrar, cosechar, batir el algodón, hilar y hasta confeccionar su propia ropa. Fue allí donde surgió la enseñanza del tejido para el pueblo HUMI KUI. Quien trajo esta enseñanza fue la araña encantada.





IRAN PINHEIRO SALES BANE

Siriani, 2017

Acrílico sobre lienzo

144,0 x 261,0 cm

Colección MAR / Museo de Arte de Río de Janeiro

SMCRJ [Secretaría Municipal de Cultura de Río de Janeiro] / Fundo Z

SIRIANI

HISTORIA DEL SURGIMIENTO DE LOS DIBUJOS

Narrada por Tadeu Mateus Huni Kuĩ, en 2017

1. Un día, SIRIANI y su marido PUKÉ DUA fueron cazar en la floresta y encontraron un árbol del tamaño de la ceiba, del cual, en cada rama, nacían bolas de algodón hilado de diferentes colores: blanco, rojo y negro.
2. Ellos llevaron algunas bolas al jefe KAKA TAEBU, para que él averiguara de qué se trataba.
3. Y él descubrió que era algodón. Le entregaron las bolas para la esposa del jefe.
4. Ella quitó las semillas y las plantó.
5. Los árboles crecieron y todos en la aldea cosechaban.
6. SIRIANI separaba el algodón bueno del malo.

7. Mientras todos dormían, SIRIAM guardaba el algodón en el jarrón de cerámica que hacía ruido durante la noche. A la mañana siguiente, cuando abrió el jarrón, el algodón se había transformado en hamacas y tejidos dibujados con KENES.


8. Era la pitón BARI SIRI KA quien enseñaba a SIRIAM los dibujos del KENE y el trabajo de pintura y tejido. Un día, su madre fue a buscar agua al arroyo y vio a SIRIAM envuelta en la pitón. Asustada, la madre llamó a sus otros hijos para que dispararan flechas a la pitón. Cuando la serpiente murió, se llevó consigo el espíritu de SIRIAM.

9. Cuando cocinaron a SIRIAM, su cuerpo no se ablandó.

10. Las mujeres se quejaron porque la pitón no les proporcionó el conocimiento para que ellas trabajaran por sí mismas. La serpiente las oyó y les entregó el algodón, pero así como está ahora, en forma de semillas y solamente blanco, naciendo en árboles más pequeños y todavía no hilado para que las mujeres trabajen. Hasta hoy trabajamos así: plantando, cosechando, hilando y tejiendo.

Esta alfombra se confeccionó especialmente para la exposición "No caminho da miçanga: um mundo que se faz de contas" [En el camino de las perlas: un mundo que se hace de cuentas], comisariada por Els Lagrou, inaugurada en 2015 en el Museo del Indio. Se trata de un panel de cuentas con diferentes kenes (dibujos) Huni Kuĩ confeccionado por las artesanas del río Jordão, en el II Taller de Cuentas Huni Kuĩ, realizado por el Museo del Indio en la aldea São Joaquim, el 09/11/2011, con la coordinación de Deborah Castor.





TERESA NETÉ
Y MARIA SIRIANI
Paños maestros
2023 y 2017
Hilo teñido
Varios tamaños

MUJERES DEL PUEBLO HUMI KUÏ
Alfombra de cuentas, 2011
Cuentas cosidas con hilo de atarraya
175 x 137 cm



A ESCOLA VIVA MBYA ARANDU PORÃ E O DESPERTAR DOS JOVENS

O povo Guarani habita a região meridional da América do Sul, em um amplo território no qual se sobrepõem Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia. Nós nomeamos toda essa região como Yvy Rupa.

No território do Rio Silveira, onde se localiza a MBYA ARANDU PORÃ, os jovens estão começando a perceber a importância da ESCOLA VIVA e, através desse diálogo, trouxeram cantos que já tinham se perdido há muitos anos.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA, aos poucos,
acorda o que estava adormecido.

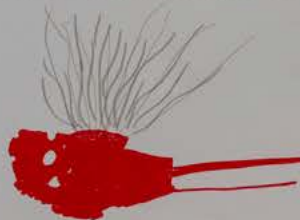
Eu vejo que a ESCOLA VIVA
é fundamental para que se continue.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA fortalece.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA
se aproxima da sabedoria milenar
de forma mais autêntica
e protege as bibliotecas vivas que são os anciãos.

Sou diretor da MBYA ARANDU PORÃ e vejo que ela é
uma ferramenta que traz uma educação de respeito e de
saúde do caminhar, do falar, do olhar e do sentir.

Carlos Papá



LA ESCUELA VIVA MBYA ARANDU PORĀ Y EL DESPERTAR DE LOS JÓVENES

por Carlos Papá, coordinador

El PUEBLO GUARANÍ habita la región meridional de Sudamérica en un amplio territorio en el cual se sobreponen los territorios de Paraguay, Brasil, Argentina, Uruguay y Bolivia. Los GUARANÍ llaman a toda esta región de YVY RUPĀ.

En el territorio de Río Silveira, donde se encuentra MBYA ARANDU PORĀ, los jóvenes empiezan a darse cuenta de la importancia de la ESCUELA VIVA y, mediante este diálogo, comenzaron a cantar canciones que ya se habían perdido hace muchos años.

Estos días, por increíble que parezca, un joven se puso de pie y cantó la canción del MANDYJU (algodón). Esto me conmovió mucho porque la canción trata de la importancia de la vestimenta y del trenzado. También habla sobre la importancia de este ser-planta, que trae la sabiduría y el respeto como algo muy sagrado.

Los espíritus de las polillas se manifiestan, provocando que las manos de las mujeres GUARANÍ MBYA se transformen y creen tejidos que les permiten tejer mantas, a manera de capullos, para proteger a los niños del frío.

Pues, el joven trajo esta canción de cuando los GUARANÍ MBYA tomaban sus telas y confeccionaban mantas. Ellos tejían y cantaban las canciones.

Esta canción se escuchaba en lugares donde había una mujer indígena haciendo telas. Las mujeres cantaban esta canción-mantra para despertar las telarañas de las polillas, que aportan la habilidad de tejer y sacraliza el trabajo. El trabajo se torna

Clara Almeida



una vida. No es simplemente una tarea; quien se dedica al trabajo sagrado entrega su energía, su vida y su habilidad. Luego, esa tela se convierte en un arte de aquella mujer y de aquella vida que la estaba produciendo. El canto presenta la fuerza femenina, es una canción que aporta esta revitalización, para que las mujeres puedan seguir haciendo sus adornos con el algodón. El algodón también proporciona protección, se convierte en protección, salud y abrigo contra el frío. El canto dice todo esto.

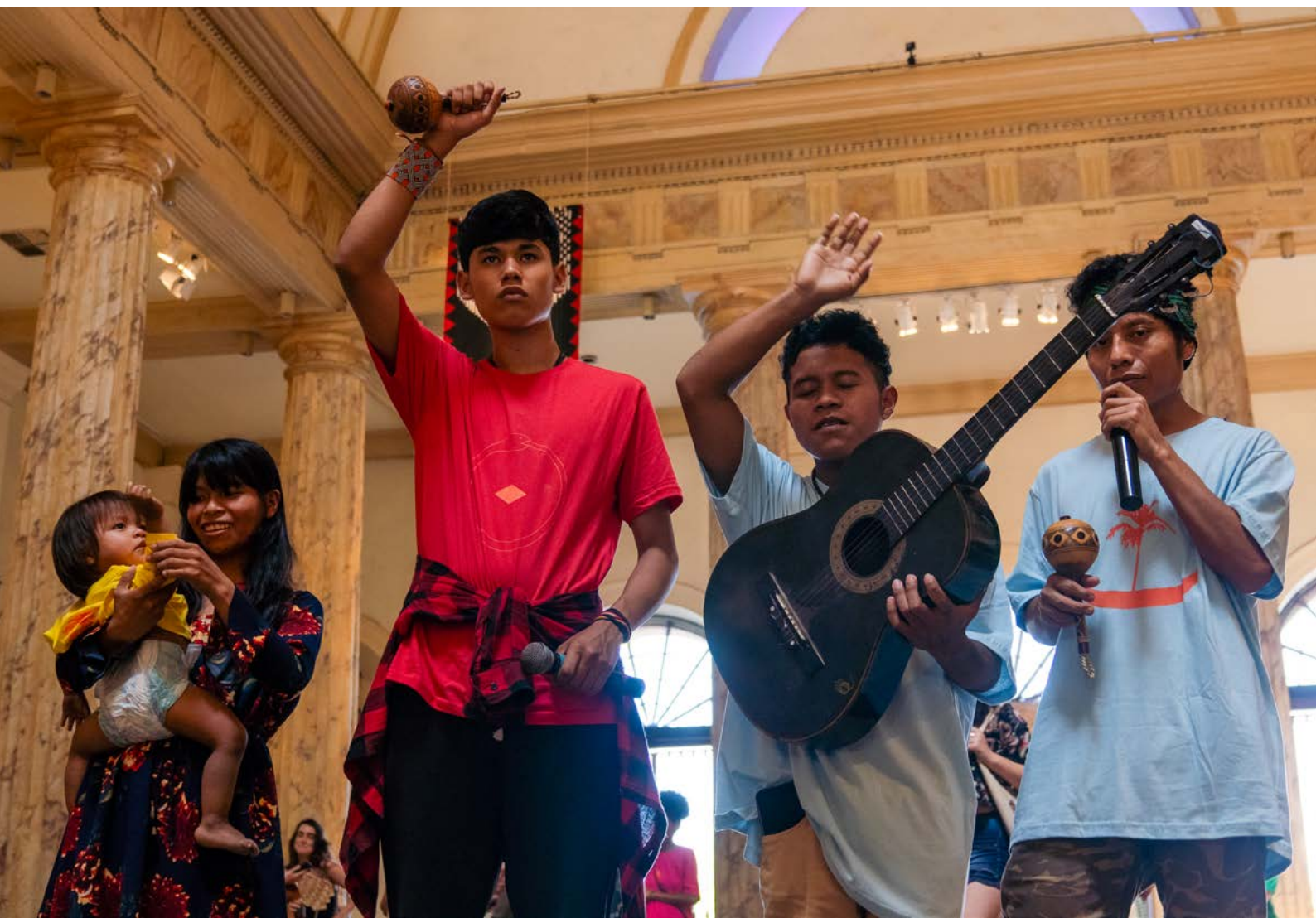
**Veo que la ESCUELA VIVA, poco a poco,
despierta otra vez lo que estaba dormido.**

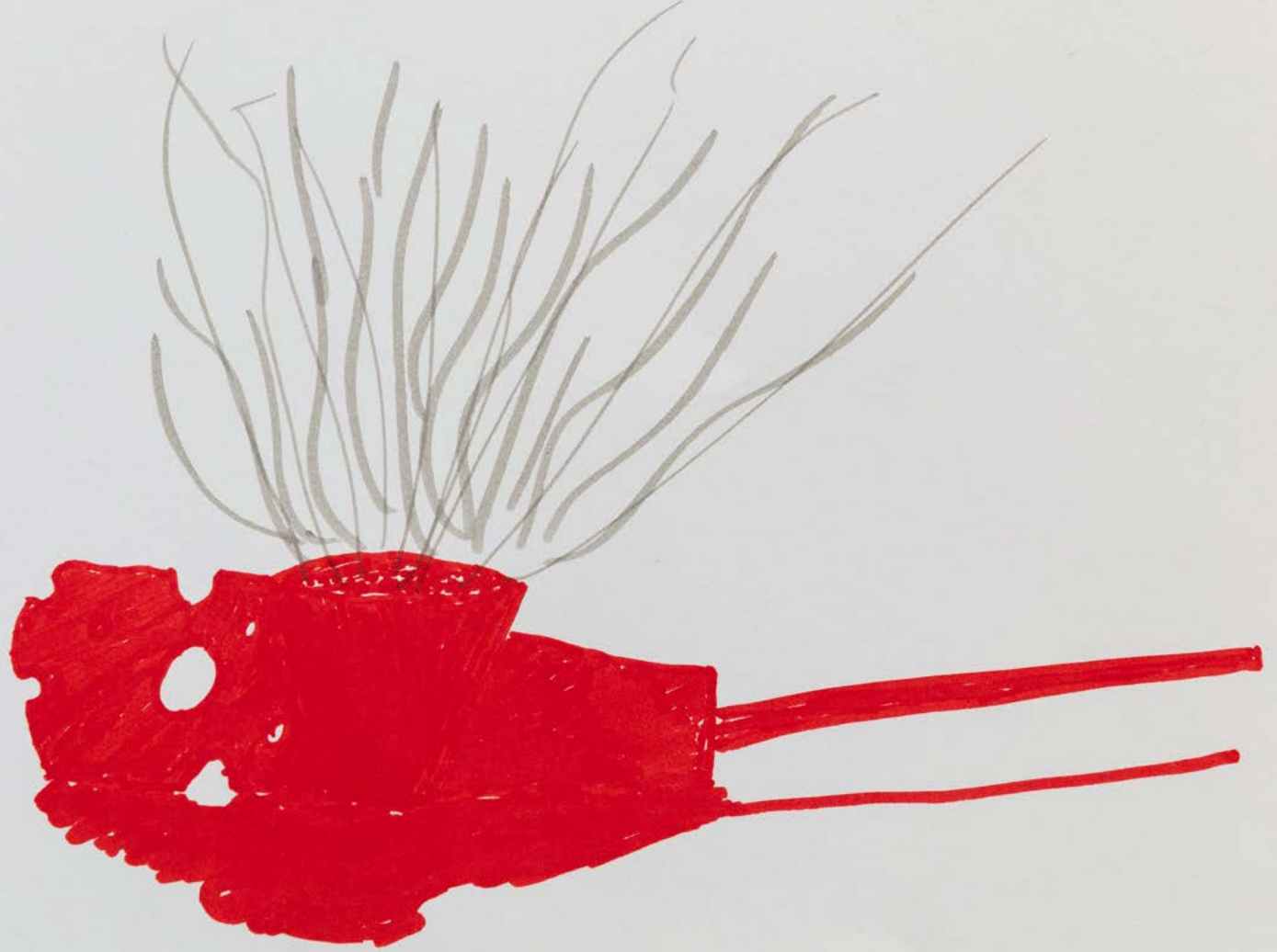
Veo que la ESCUELA VIVA es fundamental para que esto continúe.

La ESCUELA VIVA fortalece, se acerca a la sabiduría milenaria de una forma más auténtica y protege la biblioteca viva de los ancianos.

Es en este sentido que veo la importancia del trabajo de la ESCUELA VIVA. Formo parte de esta ESCUELA VIVA, soy director y veo que la ESCUELA VIVA es una herramienta para traer esta educación milenaria, una educación de respeto, de salud, una educación para el caminar, el hablar, el mirar.

Clara Almeida





NHE'ÉRY

por Carlos Papá

NHE'ÉRY es una forma de comprender la dimensión de la floresta, un portal cristalino y transparente que nos enseña cada día. Puede traducirse como “donde los espíritus se bañan”, se purifican para alcanzar la elevación divina, integrando el mundo cosmológico para tener ligereza espiritual y vida eterna – en la concepción guaraní, O YVY MARAE'.

NHE'ÉRY es la base de la existencia y resistencia de los pueblos indígenas que allí habitan, pues es en la floresta viva donde se encuentran las medicinas que curan y la verdadera escuela: la transmisión de los saberes y prácticas ancestrales. La floresta tiene una gran importancia, ya que sostiene la tierra con sus manos, nos proporciona agua y alimento. Los grandes espíritus están en sus hojas y raíces. Para cada hoja que cae, otra nace como un niño, y así se forma toda la vida dentro del bosque.







ALEXANDRE WERA, BRUNO DJEGUAKA, MAIRA DJERA, MARCINHO XUNU Y WERA JUNINHO
 Kupi Retã [Ciudad de termitas], 2023
 Acrílico sobre lienzo 170 x 270 cm



ALEXANDRE WERA, BRUNO DJEGUAKA, MAIRA DJERA, MARCINHO XUNU Y WERA JUNINHO
 Teko Porã [Buen vivir], 2023
 Acrílico sobre lienzo 170 x 270 cm

En Selvagem hay todo un camino de estudios, guiado por Carlos Papá, sobre Nhe'ëry: ciclos, audiovisuales, cuadernos y una serie de contenidos relacionados.



En el ciclo Ayvu Pará es posible escuchar sobre la composición de Nhe'ëry y del mundo, desde las palabras guaraníes que definen seres, lugares, elementos y estados de espíritu.



Las dos pinturas de Nhe'ëry presentes en la exposición Viva Viva Escola Viva han sido creadas por jóvenes de la Escuela Viva Guaraní como parte de la grabación del ciclo Ayvu Pará en el Museo de las Culturas Indígenas, en São Paulo.



PYTUN JERA FLORACIÓN NOCTURNA

por Carlos Papá

Nosotros creemos que lo oscuro es responsable por todo el universo, inclusive NHANDERU, Dios Supremo. ¿De dónde vino NHANDERU, nuestro creador, que tanto admiramos? Vino también de lo oscuro. Y ese oscuro es responsable por la creación de todo el universo hoy, incluso nuestro cuerpo. Nuestro cuerpo tiene agua, tierra e hierro. Es por eso que necesitamos mucho de esta tierra. Nosotros somos parte de la tierra. No sirve decir que la tierra no es el territorio. Por increíble que parezca, somos parte de esta tierra, hasta el árbol es parte.

Es por eso que decimos XEYVARA RETÉ. XEYVARA significa “cielo” o “cuando respiro”. RETÉ, el cuerpo, que sería la tierra. Por lo tanto, yo soy tierra, pero respiro, dependo de esta atmósfera, que recibo, de esa energía. Y necesito de eso para sobrevivir.

[...] lo oscuro es tan importante para nosotros, porque nos recibe cuando queremos descansar; por ejemplo, cuando dormimos lo oscuro nos recibe para descansar. O lo mismo en la muerte. En la muerte, volvemos de nuevo a lo oscuro. Y ahí estas energías se quedan buscando otro huésped. Cuando lo encuentran, ahí renace todo de nuevo.

Fragmentos del [Cuaderno Selvagem “Pytun Jera - Floración nocturna”](#)





FABIANO KUARAY PAPA
Onhembojera Mba'emõ Ypy Rã
[Creación de los Seres Sagrados], 2023
Acrílico sobre lienzo / 80 x 118 cm



FABIANO KUARAY PAPA
Yvy Ijypy Hague Ha'e Kuaray Ha'e Jaxy Oiko Ypy Hague,
[La Primera Creación de la Tierra y el Nacimiento del Sol y de la Luna], 2023
Acrílico sobre lienzo / 80 x 118 cm



CARLOS PAPÁ

Kuaray Jaxy Oambare Jogueraa Hague

[Subiendo hacia la Vivienda Sagrada], 2023

Acrílico sobre lienzo

79 x 118 c



La historia completa está en el [Cuaderno Selvagem "A Vida do Sol na Terra" \[La Vida del Sol en la Tierra\]](#)

LA VIDA DEL SOL EN LA TIERRA

por Carlos Papá

NHANDERU PAPA fue quien creó todo, la existencia del universo. Junto a MAINO'1, quien lo alimentaba con néctar divino. NHANDERU y NHANDEXY fueron los primeros seres humanos que habitaron esta nuestra tierra. KUARAY y JAXY ayudaron a nombrar toda la creación en la tierra e hicieron un gran viaje para que llegaran a su padre. Esta pintura muestra la trayectoria de KUARAY y JAXY, hijos de NHANDERU y NHANDEXY.



CARLOS PAPÁ
Nhandexy [Nuestra madre], 2023
Acrílico sobre lienzo
32 x 41 cm

NHANDEXY
por Carlos Papá

Esta pintura representa NHANDEXY, nuestra Madre primera, lo oscuro originario, de donde todo brota. Ella es la madre de todas las cosas, colores y seres del universo.

CARLOS PAPÁ, CRISTINE TAKUÁ
Y FABIANO KUARAY PAPÁ
EN COLABORACIÓN CON
LEONARDO KARAI ROKADJU,
BRUNO DJEGUAKA,
KAUÊ KARAI TATAENDY
Yxapy, 2023
Acrílico sobre lienzo
600 x 100 cm





ALBINO FERNANDES

Dos ajakas [cestas] grandes, 2023
Paja de tacuara teñida / 68 x 40 cm

LUCIA FERNANDES

Dos bolsos de paja, 2023
Paja de tacuara teñida / 40 x 30 x 20 cm

ALBINO FERNANDES

Un ajaka [cesta] mediana, 2023
Paja de tacuara teñida / 42 x 33 cm



SOBRE LOS ANIMALITOS DE MADERA

por Carlos Papá

Los animalitos están hechos de *caixeta* [*Tabebuia cassinoides*], un árbol originario de NHE'ÉRY.

Hace mucho tiempo, un XERAMOÍ les contó a los niños que el *carão*, la *gralha* [chara], sólo podía cantar dos veces en su vida. Y le encantaba una chingolo muy bonita y los otros animales se le acercaban para pedirle que se casara con ellos, pero ella no aceptaba. La chara también le pidió a la chingolo que se casara con él y ella se negó. Pero él no quiso darse por vencido y decidió cantar para que ella lo escuchara y tal vez se quedara encantada con su canto. Y él cantó y de ahí se fue. Cuando la chingolo escuchó la canción le gustó mucho y ella quiso saber quién cantaba tan bellamente y fue averiguar.

Al día siguiente ella se despidió de su familia y salió a buscar...

Primero encontró al coatí que estaba recogiendo frutas y él le preguntó qué hacía sola en el camino. Ella le dijo que estaba intentando descubrir de quién era la hermosa canción. Pero el coatí le dijo que no sabía cantar y ella insistió en que cantara para ella.

Él cantó, pero ella vio que no era él, así que se despidió y se fue.

Luego, ella encontró el armadillo y le preguntó qué estaba haciendo. Se saludaron y ella le dijo que buscaba a quien cantaba. Ella insistió, a pesar de que él dijo que no sabía cantar. Entonces él decidió cantar, pero ella vio que no era él...

Y la chingolo pasó junto a muchos animalitos, buscando a aquél que tenía el hermoso canto.

Y el XERAMOÍ mostraba cada animalito para los niños y ellos los recogían. Pero él les daba el *carão* solo para los niños que estaban coleccionando los animalitos, por lo que cada niño quería más y más animalitos de NHE'ÉRY para jugar con ellos.

Y de generación en generación estas narrativas se transmitieron a los niños, quienes se interesaban cada vez más en aprender a hacer los animalitos y contar historias.

En el proceso de confeccionar los animalitos de madera se contienen muchos saberes y conocimientos GUARANÍ.

Estos saberes hablan de la relación entre los GUARANÍ y los animales de la floresta y como cada persona desarrolla un conocimiento amplio de las especies por medio de una trayectoria individual, familiar o colectiva de reflexión sobre el comportamiento natural de cada animal, pero principalmente, muestra una forma particular de los GUARANÍ de relacionarse con estos seres presentes en NHE'ÉRY.



SOBRE EL JARDÍN DE PLANTAS ALREDEDOR DE LOS ANIMALITOS

por *Viviane Fonseca-Kruel*

Entrelazando plantas, memorias e historias.

Por medio de esta colección de especies vegetales cultivadas en macetas, queremos llamar la atención sobre los conocimientos ancestrales entrelazados con estas existencias, para más allá de sus aspectos biológicos, botánicos y ecológicos. Su diversidad nos invita a una conciencia más profunda. Las plantas no son sólo recursos naturales; son elementos fundamentales de la identidad cultural de los pueblos indígenas.

Aquí tenemos tabaco, algodón, yagé, carayurú, guaraná, chacruna, achiote, jagua, pimienta, palmito, pytanga y palo brasil, especies que se utilizan desde hace cientos de años en el territorio que hoy entendemos como Brasil. Estas existencias están entrelazadas con la historia y la cultura de los más de 150 pueblos indígenas que viven aquí.

Son plantas que cuentan la historia de biomas como la Amazonía, con especies como el cacao, la papa dulce, la nuez de Brasil, el guaraná, el tabaco y la mandioca [yuca], manejadas y domesticadas en la región. Estudios recientes, que integran genética de plantas, arqueología, antropología, botánica y etnobotánica, reúnen evidencias de especies agrícolas amazónicas, con la presencia de centros y regiones de diversidad genética agrícola en este bioma.

El acercamiento entre el Jardín Botánico de Río de Janeiro, las ESCUELAS VIVAS y Selvagem tiene por objetivo apoyar el diálogo intercultural e interdisciplinario, en la búsqueda de un mayor protagonismo de las comunidades tradicionales en las acciones relacionadas a la educación pública y la conservación de la sociobiodiversidad.

Cuando los educadores son conscientes de la interacción entre las plantas y las comunidades indígenas, pueden inspirar una apreciación más profunda de las relaciones entre los seres humanos y el medio ambiente. Por lo tanto, es evidente la importancia de fortalecer las tradiciones orales y las prácticas ancestrales por medio de alianzas educativas con las comunidades indígenas.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA

Instalación en el centro

de la exposición

LETÍCIA MACENA

8 ajakas [cestas] pequeños, 2023

Paja de tacuara teñida

8 x 6,5 cm

THIAGO WERA BENITES

66 Animalitos, 2023

Madera de diferentes tamaños

KARAI MIRIM 7 maracas, 2023

Calabaza, semillas y madera

diferentes tamaños

PLANTAS

Las plantas maestras viven

en el Jardín Botánico de

Río de Janeiro, bajo el cuidado

de la Colección Temática de

Plantas Medicinales y

de la Colección Viva.





ALDEIA ESCOLA FLORESTA, A ESCOLA VIVA MAXAKALI

Os Maxakali são habitantes ancestrais das florestas que cobriam todo o leito dos rios Pardo, Jequitinhonha e Mucuri, na região compreendida, hoje, como nordeste de Minas Gerais e extremo sul da Bahia.

São um povo de, aproximadamente, 3000 pessoas que falam a língua Maxakali, um dos últimos idiomas nativos da região. A invasão da empresa agropecuária em suas terras originárias, durante os séculos XIX e XX, resultou no seu confinamento em 5 pequenos territórios, cercados de fazendas por todos os lados e devastados pela derrubada da floresta e pelo plantio do capim-colonião.

A Aldeia Escola Floresta é o território mais recente desse povo e foi criada a partir da retomada de uma propriedade da União, localizada na zona rural de Teófilo Otoni (MG). Ali começou a ganhar forma um sonho antigo, impulsionado pela reivindicação dos Maxakali por seus territórios originários e pela saudade que sentem dos rios, das caças e da mata grande.

Isael Maxakali, importante liderança e artista deste povo, costuma dizer que a verdadeira casa dos Maxakali, a 'aldeia de verdade', só pode existir junto com a floresta, que é a morada dos yãmĩxop.

Isael também diz que a vida nesses lugares - na aldeia e na floresta - é a melhor forma de educar suas crianças e transmitir seus conhecimentos tradicionais.

São suas ESCOLAS VIVAS, portanto.

Cristine Taxuá e Paula Berbert

ALDEA-ESCUELA-FLORESTA

ESCUELA VIVA MAXAKALI

Coordinadores: Sueli e Israel Maxakali

por Paula Berbert y Cristine Takuá

El arte es presencia viva y rutinaria entre los MAXAKALI. En sus territorios es posible oír, casi todos los días, los cantos de los YĀMĪYXOP. Los YĀMĪYXOP son los pueblos-espíritu de las florestas de la Mata Atlántica, que cubría toda la tierra de este pueblo, y que visitan sus comunidades desde los tiempos antiguos para cantar, bailar, jugar, comer, cazar y sanar. Durante estas visitas, las niñas y las mujeres les dan alimento y también reciben de ellos, los acompañan en bailes y juegos en el patio central de las aldeas. Los hombres y los niños ya iniciados en sus secretos, los reciben en la KUXEX, la “casa de cantos”, cantan y cazan algunos de los pocos animales que restaron. Es junto a los YĀMĪYXOP que se hace el arte inmemorial de los MAXAKALI, es en el vivir cotidianamente compartido con los espíritus que ellos guardan la memoria de la floresta. Aunque los árboles grandes, las cazas, los pájaros y los ríos se hayan ido, huyendo de la destrucción causada por las actividades agropecuarias, la floresta sigue existiendo y pulsando en los cantos, las danzas, los adornos y máscaras que los

Clara Almeida



ḶĀMĪḶ usan, en las pinturas de los cuerpos de sus parientes humanos, los grafismos de los MĪMĀNĀN (mástil ritual), los ornamentos y padrones que adornan los vestidos de las mujeres.

Frente a más de dos siglos de invasión colonial, el extenso territorio tradicional MAXAKALI, que anteriormente se extendía por las florestas a lo largo de todo el curso de los ríos Pardo, Jequitinhonha y Mucuri (Minas Gerais/Bahía) quedó reducido a algunas de las menores y más devastadas tierras indígenas del país. A pesar de vivir cercados de haciendas por todos lados, los MAXAKALI resisten hablando su propia lengua y siguen siempre aspirando a volver a las innumerables porciones robadas de sus tierras. Ante la sentencia mortal del último gobierno, que anunció que “no se demarcaría ningún centímetro de tierra”, un grupo de alrededor de cien familias tomó la valiente decisión de llevar a cabo una recuperación y ocupó, en setiembre de 2021, una propiedad del gobierno federal en el área rural de Teófilo Otoni - Minas Gerais. Allí empezó a ganar forma un sueño antiguo de SUELI MAXAKALI e ISRAEL MAXAKALI, importantes líderes de este pueblo, quienes también se destacan por su conocida producción artística y audiovisual. Propusieron llamar a la nueva comunidad de ALDEA-ESCUELA-FLORESTA, evocando el proyecto comunitario que desde hacía tiempo querían, y que está impulsado por el reclamo de los MAXAKALI por sus territorios originarios y la añoranza que sienten de los ríos, las cazas y el gran bosque. Israel suele decir que la verdadera casa de los MAXAKALI, la “verdadera aldea”, sólo puede existir junto con la floresta, que es el hogar de los ḶĀMĪḶXOP, y que la vida en estos lugares – en la aldea y en la floresta – es la mejor forma de educar a sus niños y transmitirles sus conocimientos tradicionales, por lo tanto, son sus escuelas vivas.

El sueño de la ALDEA-ESCUELA-FLORESTA ganó territorio con la reanudación, y desde entonces las familias que allí viven se esfuerzan también por formarle el cuerpo, y cuentan con el apoyo de una importante red de alianzas y colaboraciones. Las acciones que planeaban realizar para reforestar el área y abrir campos para plantación se han implementado por medio del hermoso proyecto HĀMHI - TIERRA VIVA. Articulada por varios líderes locales, junto a Rosângela Tugny y Roberto Romero, investigadores-aliados de larga data, la iniciativa capacitó agentes forestales y estructuró la composición de viveros de plántulas nativas de la Mata Atlántica y cultivos alimentarios, no sólo en esa comunidad, sino también en otros territorios MAXAKALI: la Tierra Indígena MAXAKALI, compuesta por las regiones de Pradinho y Água Boa (Santa Helena de Minas y Bertópolis - Minas Gerais), y

las reservas de Aldeia Verde (Ladainha - Minas Gerais) y Cachoeirinha (Topázio - Minas Gerais).

Los primeros trabajos colectivos de reforestamiento en la ALDEA-ESCUELA-FLORESTA tuvieron lugar el año pasado, y se organizaron con la colaboración del Asentamiento Tierra-Vista del MST [Movimiento de los Trabajadores Rurales sin Tierra] y del movimiento popular Teia dos Povos [Red de los Pueblos].

Otra parte esencial del proyecto comunitario ALDEA-ESCUELA-FLORESTA consiste en organizar reuniones periódicas entre chamanes y expertos de la cultura, además de estructurar talleres de formación en arte. Estas actuaciones se han llevado a cabo con el apoyo financiero recibido del proyecto Escuelas Vivas, coordinado por Selvagem. Las obras presentadas en esta exposición fueron realizadas durante dos rondas de talleres. La primera de ellas tuvo lugar en septiembre de 2022, cuando los artistas de la ALDEA-ESCUELA-FLORESTA tuvieron su experiencia inaugural con la pintura sobre lienzo, y también pudieron profundizar sus prácticas en formatos que ya conocían, como la acuarela y el dibujo. En esa ocasión, los profesores y chamanes de la comunidad eligieron un tema para su investigación artística, "KOTKUPHI YÔG KUTEX XI ĀGTUX", los cantos e historias de KOTKUPHI, el espíritu de la Mandioca. A lo largo de poco más de una semana, se produjeron más de una treintena de dibujos y una veintena de lienzos, obras que se componen de la presencia de los diferentes seres que reúnen con KOTKUPHI un mismo colectivo de espíritus de cazadores, como la serpiente de coral y la hormiga de felpa. Las imágenes también presentan las pinturas



que componen los cuerpos de los vivos de este grupo ritual, sus objetos, como sus flechas y MĪMĀNĀN, además de hacer presente también pasajes notables de los rituales realizados durante las visitas de los ΚΟΤΚΟΡΗΙ a las aldeas.

El segundo encuentro de formación en arte ha sido organizado poco más de un año después, en octubre de 2023, y contó con la participación expresiva de jóvenes y niños. La nueva técnica aprendida en ese contexto fue la producción de estenciles y sellos, que dieron forma a carteles que fueron pegados en las paredes del centro de salud comunitario, y a estampados reproducidos en las telas de los vestidos de las mujeres. En este último ciclo de talleres no hubo ninguna indicación temática sobre el sentido de los trabajos que se desarrollarían. El resultado de esta opción fue la composición de dibujos, acuarelas, pinturas sobre lienzo y textiles en los que aparecen muchos y muchos ὙĂΜĪὙ, como ΧΟΚΙΧ, el espíritu del Tamandú, ΛĪΤΑ, el espíritu del Dragón, ΜŌΓΜŌΓΚΑ, el espíritu del Gavilán, ὙĂΜĪὙΗΕΧ, las Mujeres-espíritu y, principalmente, ΧŪΝĪΜ, el espíritu del Murciélago que se ha multiplicado en gran parte de las obras creadas. Era ΧŪΝĪΜ, junto con los incontables espíritus que componen su grupo ritual, quien estaba cantando en la ΚΟΧΕΧ durante los días en que tuvieron lugar los talleres. De la terraza del centro de salud comunitario, donde los artistas estaban produciendo, era posible oír sus cantos y verlo bailando y jugando con las niñas en el patio de la aldea. Esta imagen, de los niños y jóvenes pintando y dibujando, al mismo tiempo que los ΧŪΝĪΜ cantaban y bailaban delante de la ΚΟΧΕΧ, nos ofrece una síntesis extraordinaria del sentido profundo del arte ΜΑΧΑΚΑΛĪ: es en la relación con los ὙĂΜĪὙΧΟΡ que ellos producen belleza, curación y transformación, cuidando la existencia inmaterial de la floresta, recordándola siempre, al mismo tiempo que continuamente la rehacen, ya sea en los lienzos, los dibujos, los sueños, los cantos, y además en los árboles y los campos que están plantando para efectivamente recuperarla.



TELAS PINTADAS

Las pinturas sobre tela fueron producidas en el último taller realizado en la ALDEA-ESCUELA-FLORESTA, en octubre de 2013. Las telas componen un desbordamiento de la investigación que las mujeres hicieron colectivamente, durante las mingas de pintura, para la ornamentación de los vestidos tradicionales que ellas cosen para ocasiones especiales, como el Día de los Pueblos indígena, celebrado el 19 de abril.

En este ciclo de talleres reciente, las mujeres expandieron su investigación desde las estrechas tiras de tela que pintan para los vestidos, hacia estos retazos más grandes, comúnmente utilizados como paños de platos. Las imágenes de las pinturas traen al presente el paso de los YĀMĪYXOP - los espíritus de la Mata Atlántica - por las aldeas MAXAKALI, así como el sueño de que su territorio esté nuevamente cubierto de selva.

ANILZINHA MAXAKALI, DELCIDA MAXAKALI, ELIANA MAXAKALI,
JUANA MAXAKALI, JULIANA MAXAKALI, JUPIRA MAXAKALI,
MARCIANA MAXAKALI, MARIENEIDE MAXAKALI, TAXNA MAXAKALI,
VILMARA MAXAKALI, ZILDA MAXAKALI E ZEZÃO MAXAKALI
Sin título, 2023

Pintura sobre tela 47 x 70 cm (cada una)







MÔGMÔGKA TAP

por Paula Berbent

En la tela vemos MÔGMÔGKA TAP en dos de las distintas formas que puede asumir su imagen: a la izquierda, como un espíritu, vestido con paja y con su piel pintada de rojo, la manera en la que viene a cantar a la aldea. Y a la derecha, en cuerpo de pájaro, que no sabemos si está descansando o por salir volando de su MĪMĀNĀN [mástil ritual]. MÔGMÔGKA TAP se destaca en la cosmovisión MAXAKALI por guardar una de las memorias del desaparecimiento de las florestas que cubrían el territorio tradicional de ese pueblo.

Cuenta uno de los cantos de MÔGMÔGKA TAP que una vez salió por el mundo para conocer otras matas y cuando estaba lejos, sintió saudades de la floresta donde vivía, especialmente de su árbol favorito. MÔGMÔGKA TAP decidió volver para su casa, y cuenta en su canto todo lo que veía allá desde lo alto durante su viaje de vuelta, el cielo, las nubes, las montañas, los ríos, los bichos. Pero llegando cerca, se dio cuenta que todo estaba distinto, no había más árboles grandes, ni cazas, sólo hierba. Al llegar al lugar donde esperaba encontrar su árbol favorito, MÔGMÔGKA TAP se recostó triste sobre la estaca de madera de un alambre de púas que marcaba el límite de una de las haciendas de los blancos invasores.



VILMARA MAXAKALI

Yämïyhex [Mujeres-espíritu], 2023

Acrílico sobre lienzo

52 x 42 cm

ELIANA MAXAKALI

Xünim āta [Murciélagu rojo], 2023

Acrílico sobre lienzo

52 x 42 cm

ELIANA MAXAKALI

Līta [Dragón], 2023

Acrílico sobre lienzo

31,3 x 43,0 cm

31,3 x 43,0 cm



SUELI MAXAKALI

Mögmögka tap [Gavilán negro], 2023

Acrílico sobre lienzo

85,5 x 90,0 cm

KOTKUPHI, EL ESPÍRITU DE LA MANDIOCA

por Paula Berbert

Los lienzos evocan el universo ritual de KOTKUPHI, el espíritu de la mandioca, destacando la presencia de los diferentes seres que componen un mismo colectivo de espíritus cazadores con él, como la serpiente coral y la hormiga pintada, y de cazas como el cerdo salvaje. Los motivos gráficos que caracterizan los cuerpos de estos animales no solo son los cuerpos de los espíritus KOTKUPHI cuando visitan a los MAXAKALI para cazar y hacer ritual, sino también sus objetos, como sus flechas afiladas y también sus MIMĀNĀN, que son los mástiles rituales que indican su presencia en las aldeas.

Las obras también representan paisajes importantes de las visitas de los KOTKUPHI en las aldeas, como el momento en el que las mujeres les ofrecen regalos colgados en varas, o incluso cuando los KOKTIX XOP, los espíritus del mono capuchino salen cantando al patio de la aldea en dirección a la barrera de paja y madera que protege el KUXEX, la casa de cantos, durarán el paso de los KOTKUPHI. Los KOKTIX XOP se divierten al subir a las estacas más altas sin caerse nunca al suelo, haciendo reír a todos los que los ven.

La pintura XOK XAXUP [cuero colgando] retrata una de las características más llamativas de las visitas de KOTKUPHI, el espíritu de la mandioca, a las aldeas MAXAKALI, que es la necesidad de crear una barrera de protección en torno del KUXEX. Esto se debe tanto a la personalidad irritable de KOTKUPHI como a un miedo que esos espíritus tienen de estar muertos. Cuentan los antiguos, que una vez, antes de existir la costumbre de proteger el KUXEX, durante una de sus estadias en la aldea, un grillo invadió la choza del ritual y mató a todos los KOTKUPHI. Por eso, cuando vienen a cantar con los MAXAKALI, ellos siempre le piden a sus madres humanas que protejan la casa de cantos.

Antiguamente, cuando la caza era abundante, el KUXEX se tallaba con una secuencia de pieles de distintos tipos de jaguar: pintado, pardo, negro y rojo, alternados con distintos tipos de MIMĀNĀN dos los KOTKUPHI. Pero ahora, después que los jaguares desaparecieron con la destrucción de las selvas, en la víspera de la llegada de los espíritus de la mandioca para los rituales en las aldeas, las mujeres cercan el KUXEX con paja y estacas. Y cuando ni eso es encontrado en sus territorios, cercan el espacio con cobertores para proteger tanto a sí mismas de la furia de los KOTKUPHI como a los propios KOTKUPHI de la agresividad de los grillos.



Sueli Maxakali
 "Kortix xop" (El espíritu del mono capuchino), 2022
 Acrílico sobre lienzo / 37,8 x 40 cm



Sueli Maxakali
 "Kortix xop" (El espíritu del mono capuchino), 2022
 Acrílico sobre lienzo / 37,8 x 40 cm



Juliana Maxakali
 "Kot pex mīy" (Fazendo beijú), 2022
 Acrílico sobre lienzo / 36,7 x 40,1 cm

SUELI MAXAKALI
 Kortix xop [El espíritu del mono capuchino], 2022
 Serie "Kotkuphi yōg Kutex xi Ägtux"
 [Cantos y historias del Espíritu de la Mandioca]
 Acrílico sobre lienzo / 37,8 x 40 cm

JULIANA MAXAKALI Kot pex mīy [Fazendo beijú], 2022
 Serie "Kotkuphi yōg Kutex xi Ägtux"
 [Cantos y historias del Espíritu de la Mandioca]
 Acrílico sobre lienzo / 36,7 x 40,1 cm



Sueli Maxakali
 "Xok xaxup" (Cuero colgado), 2023
 Acrílico sobre lienzo / 85 x 129 cm

SUELI MAXAKALI
 Xok xaxup [Cuero colgado], 2023
 Acrílico sobre lienzo / 85 x 129 cm

ISAEEL MAXAKALI
 Kotkuphi yōg yāy xex ax
 [La pintura de Kotkuphi], 2022
 Serie "Kotkuphi yōg Kutex xi Ägtux"
 [Cantos y historias del Espíritu de la Mandioca]
 Acrílico sobre lienzo / 98,5 x 85,5 cm



VONINHO MAXAKALI Y VERONILDO MAXAKALI

Xupapox te'kohok xap paha tex xux tex ti hĩ hãmhipax xipekok,
[Espíritu de la nutria recogiendo un palo de tabaco, el bosque
y el cielo], 2022

Serie "Kotkuphi yõg Kutex xi Ägtux"

[Cantos e histórias del Espíritu de La Mandioca]

Acrílico sobre lienzo / 145 x 110 cm

LOS YĀMĪYXOP

por Paula Berbert

Los YĀMĪYXOP son los incontables pueblos-espíritus de la Mata Atlántica que, desde tiempos antiguos, visitan las aldeas MAXAKALI para cantar, bailar, curar, jugar, cazar y comer. Constituidos siempre de multitud y diversidad, los YĀMĪY se manifiestan de las más variadas formas, nunca siendo uno sólo. Pueden ser invisibles y diminutos, habitando en el pelo de sus parientes humanos, pueden ser sus propios cantos, pueden tener formas animales e incluso pueden encarnarse de manera espléndida durante sus rituales, llevando máscaras y hermosas pinturas que los adornan y llenan de colores.



VONINHO MAXAKALI
13/09/2022



VONINHO MAXAKALI Xupapox yãmĩxop
[El espíritu de la Nutria], 2022
Serie "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e historias del Espíritu de la Mandioca]
Acrílico sobre lienzo / 36 x 39,7 cm

MARCOS MAXAKALI
Xokix [Oso hormiguero], 2023
Acrílico sobre lienzo 79,5 x 98,0 cm

MARCINHO MAXAKALI
Kotkuphi te xapupnäg tux
[Kotkuphilanza flecha para matar cerdo salvaje], 2022
Serie "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e historias del Espíritu de la Mandioca]
Acrílico sobre lienzo / 41 x 36,8 cm



SUELI MAXAKALI EN
COLABORACIÓN CON
JULIANA MAXAKALI,
ISABEL MAXAKALI,
PARQUINHO GRÁFICO
E FLOR DE KANTUTA
Mimãñan de Xünim, 2023
Acrílico sobre lienzo
600 x 100 cm



BAHSEKOWI, CENTRO DE MEDICINA E ESCOLA VIVA TUKANO

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua fundação nessa cidade foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Os especialistas kumuã que atuam no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são originários dos povos Yepamahsã (Tukano), Htãpirõ-porã (Tuyuca) e Hmukori-mahsã (Desana), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumu fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com bahse e plantas medicinais.

As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura acionadas no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são, fundamentalmente, bahse (mais conhecidos como benzimentos) e plantas medicinais.

Bahse são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura.

Em outros termos, bahse é o poder e a habilidade dos especialistas (kumuã) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam
as plantas medicinais desde sempre.

A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaíba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.

BAHSEKOWI, CENTRO DE MEDICINA Y ESCUELA VIVA TUKANO - DESSANO - TUYUCA

Coordinadores: João Paulo Tukano y
Anacleto Banneto con Carla Wisu, Ivan Tukano,
Dunvalino Kisibi, Pedro Tukano,
Janicleia Pedrosa y Janine Fontes

El Centro de Medicina Indígena BAHSEKOWI está localizado en el centro de la ciudad de Manaus, capital del estado de Amazonas. La fundación de BAHSEKOWI en Manaus fue una elección estratégica para impacto en las universidades y en las instituciones públicas y promover el cambio de la opinión pública sobre la medicina indígena.

Actualmente, BAHSEKOWI es una referencia nacional en el cuidado de la salud con tecnologías genuinamente indígenas.

Los especialistas kumuã que trabajan en el centro médico proceden de las comunidades indígenas YEPAMAHSÃ (TUKANO), UTĀPIRÔ-PORĀ (TUYUCA) y UMUKORI-MAHSÃ (DESSANO) del Alto Río Tiquié, afluente del río Uaupés, en el Alto Río Negro.

Clara Almeida



El servicio está abierto al público en general, tanto indígena como no indígena. KUMU está disponible para ayudar a las personas y cuidarlas con BAHSESE y plantas medicinales.

Las tecnologías sanitarias y curativas utilizadas en BAHSESE son básicamente el BAHSESE (conocido como benzimentos) y las plantas medicinales.

BAHSESE son fórmulas metaquímicas y metafísicas evocadas por los especialistas en la protección, el tratamiento y la curación.

En otras palabras, BAHSESE es el poder y la habilidad de los especialistas (KUMUÁ) en evocar las sustancias curativas de los vegetales, minerales y animales.

Los pueblos indígenas usan las plantas medicinales desde siempre. La selva guarda todo tipo de remedios.

En la casa también hay remedios naturales para la venta. Son tés, pomadas, miel, copaiba, andiroba, breu blanca para fumar, corteza medicinal, raíces, hojas y flores secas.







ESSÊNCIA DA BOTA
[ESENCIA DE DELFINA ROSADA]
Aceite
Para atracción
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



PAU ROSA
[PALO ROSA]
Aceite / 100 ml
Cicatrizante,
antirreumático, e hidratante
Municipio de Labrea



ANDIROBA
[ANDIROBA]
Aceite / 100 ml
Antiinflamatorio, antirreumático,
cicatrizante y repelente
Municipio de Labrea



SEIVA DE JATOBÁ
[CEIBA DE JATOBA]
Té / 600 ml
Para el asma, próstata, hígado, neumonía,
reumatismo, dolores, hemorroides,
tracto urinario y tumores cutáneos
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



ÓLEO DE COCO
[ACEITE DE COCO]
100 ml
Cicatrizante, adelgazante,
fortalecedor inmunológico, hidratante,
salud cardiovascular y de la tiroides
Municipio de Labrea



CABOCLA SAUDÁVEL
[cabocla saludable]
té / 600 ml
Para hemorroides, gastritis,
poliquistes y ciclo menstrual
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



POMADA DE PURAQUÉ
[POMADA DE ANGUILA ELÉCTRICA]
Antirreumático, dolores
musculares, bursitis
y dolor de cabeza
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



COPAÍBA
[COPAIBA]
Aceite / 100 ml
Anti-inflamatorio
Municipio de Labrea



UNHA DE GATO
[UÑA DE GATO]
té / 600ml
Para impotencia sexual,
próstata y gastritis
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



MIRARUIRÁ
[SALACIA IMPRESSIFOLIA]
té / 600ml
Para la diabetes, la hipertensión,
los triglicéridos, la glucosa
y la cicatrización de heridas
Pueblo Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



ELIXIR DE BATATÃO
[ELIXIR DE BATATÃO]
té / 600ml
Para congestión, hemorragia,
estreñimiento, edema,
inflamación, dolor y fiebre
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



XAROPE DE CUPIM
[JARABE DE TERMITAS]
150 ml
Complemento alimenticio
Municipio de Labrea



EMAGRECEDOR REGIONAL
[ADELGAZANTE REGIONAL]
té / 600ml
Adelgazante, regulador del
ácido úrico y del colesterol,
hígado graso, diurético y digestivo
Aldea Tauá Mirim



FLORESTA VIVA
[SELVA VIVA]
té / 600ml
Para hígado, riñones, vesícula biliar,
bazo, anemia, hipertensión, dolor de
cabeza y enfermedades malignas
Pueblo Tauá Mirim



XAROPE DE CUMARU
[JARABE DE CUMARU]
150 ml
Para bronquitis, gripe,
tos y dolor de garganta
Municipio de Labrea



FORTIFICANTE
[FORTALECEDOR]
té / 600ml
Para la memoria, la hepatitis, la
ansiedad y la malaria. Tonificante,
depurativo y antirreumático
Aldea Tauá Mirim



POBRE VELHO
[BORDÓN DE VIEJO /
CAÑA AGRIA]
hojas

Para infección urinaria,
diabetes y picadura de insecto
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



BOLDO
[BOLDO]
hojas

Para hígado y mala digestión
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



SUCUBA
[SUCUBA]
cáscaras

Para gastritis, úlcera,
prevención y cura del cáncer
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



AROEIRA
[PIMENTERO BRASILEÑO]
Cáscaras

Para la leucorrea, la sífilis
y el lavado íntimo
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



AMORA
[MORA]
cápsulas

Para la menopausia,
osteoporosis. Diurética,
antiinflamatoria, y
antioxidante
Municipio
de Labrea



BREU
[COLOFONIA]
resinas

fumar
Comunidad
de Acajatuba
Municipio
de Iranduba



CARAPANAÚBA
[ASPIDOSPERMA NITIDUM]
cáscaras

Antiinflamatorio,
anticonceptivo y cicatrizante
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



SARA TUDO
[JUSTICIA CALYCINA]
corteza

Para la diarrea, hemorroides,
inflamación del útero
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



PAU TENENTE
[QUASSIA AMARA]
corteza

Para adelgazar, regular
el colesterol y la digestión
Aldea Tauá Mirim
Municipio de Tapauá



ANDIROBA
[ANDIROBA]
cápsulas

Antiinflamatorio,
antirreumático,
cicatrizante
Municipio
de Labrea



BAHSERIKOWI, CENTRO DE MEDICINA E ESCOLA VIVA TUKANO

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua fundação nessa cidade foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Os especialistas kumú que atuam no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são originários dos povos Y-pamehsá (Tukano), Utápiré-poré (Tuyuzé) e Umukari-mátsá (Desani), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumú fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com bahsesse e plantas medicinais.

As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura adotadas no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são fundamentalmente, bahsesse. Imaís conhecidos como benzimentos) e plantas medicinais.

Bahsesse são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura. Em outros termos, bahsesse é o poder e a habilidade dos especialistas (kumú) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam as plantas medicinais desde sempre. A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaiba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.

João Paulo Lima Barreto





A ESCOLA VIVA BANIWA

A nossa cultura é a nossa força de amanhã,
para os filhos de hoje e as futuras gerações!

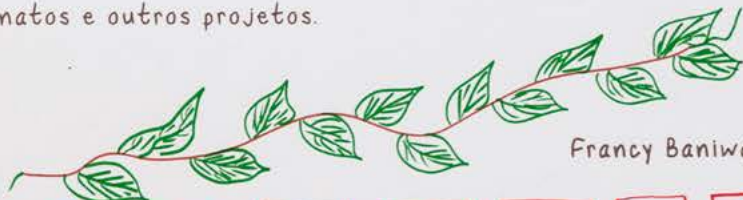
A ESCOLA VIVA é uma grande conquista para o povo Baniwa, que vive no noroeste amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Nesse território, residem 23 povos de diferentes línguas, culturas e religiões.

É o território mais indígena do Brasil.

A ESCOLA VIVA Baniwa nasce do trabalho feito ao longo de seis anos de pesquisa e escrita do livro 'Umbigo do Mundo', de autoria de Francy Baniwa, em diálogo com seu pai, Francisco Luiz Fontes (Matsaape), narrador das histórias orais tradicionais, e com seu irmão Frank Fontes Baniwa (Hipattairi), autor de 74 aquarelas, das quais 28 se encontram nesta sala. A ESCOLA VIVA Baniwa nasce, assim, por meio das narrativas, que são nosso guia para o bem viver.

É importante que se tenha consciência, que nunca se percam as línguas originárias, elas carregam em si riquezas de conhecimentos diversos da vida e da natureza.

Juntamente com a comunidade Assunção do Içana, onde vivemos, olhamos a ESCOLA VIVA como o futuro. Temos muitos sonhos e demandas e, por meio dessa iniciativa, vamos poder trabalhar em coletivo para fortalecer as línguas indígenas, Nheengatu e Baniwa, nas famílias e em ambientes comunitários, nossas danças e cantos, artesanatos e outros projetos.



Francy Baniwa

LA ESCUELA VIVA BANIWA
por Francyy Baniwa,
coordinadora junto con su padre,
Francisco Fontes Baniwa

¡Nuestra cultura es nuestra fuerza del mañana,
para los hijos de hoy y para futuras generaciones!

LA ESCUELA VIVA BANIWA es una gran conquista para el pueblo Baniwa, que está en el Noroeste amazónico, en la tierra indígena Alto Río Negro, municipio de São Gabriel da Cachoeira-AM. En este territorio residen 23 pueblos de diferentes lenguas, culturas y religiones. Es el territorio más indígena de Brasil.

LA ESCUELA VIVA BANIWA nace del trabajo hecho a lo largo de seis años de investigación y escritura del libro *Umbigo do mundo* [Ombligo del Mundo]. El libro es de autoría de FRANCYY BANIWA en diálogo con su padre, FRANCISCO LUIZ FONTES BANIWA (MATSAAPE), narrador de las historias orales tradicionales, y su hermano FRANK FONTES BANIWA (HIPATTAIRI), autor de 74 acuarelas, de las cuales, 31 fueron exhibidas en la sala de la exposición. La ESCUELA VIVA BANIWA nació entonces, por medio de las narrativas que son nuestro guía para el buen-vivir. De acuerdo con nuestra cultura milenaria, nosotros somos la herencia dejada por HEEKO, un demiurgo, allá en la Tierra-piedra, el centro de información y origen de la humanidad, localizada en HIIPANA (EENO HIEPOLEKOA u ombligo del mundo) en Uapuí-Cachoeira, en el Río Ayari. Fue en ese lugar que surgió la humanidad, en especial el

Clara Almeida

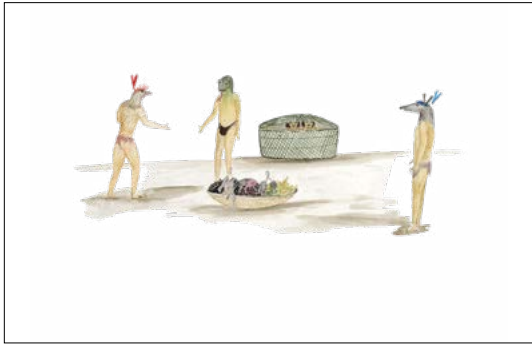


pueblo BANIWA, sus clanes y sus territorios. De nuestros dioses heredamos una gran extensión de tierras delimitadas por un conjunto de marcas (petroglifos), que definen el territorio de cada clan de nuestro pueblo desde tiempos inmemoriales. Esas demarcaciones históricas y ancestrales, y que permiten el control, la gobernanza y la gestión ambiental en nuestro territorio.

Nuestra tierra es nuestro centro del mundo, de dónde sabemos localizarnos en relación a los cuatro puntos cardinales de la tierra. Es aquí que nos despertamos cada día, sabemos por dónde va a salir el sol, el camino que va a recorrer y por donde va a descansar. Es el punto donde son anclados nuestro espíritu y nuestra alma, desde nuestros ancestros hasta los días de hoy, y para siempre. La tierra, para nosotros, indígenas, es parte de un universo complejo, que llamamos de HEKOAPI, dividido en distintas capas. Para nosotros, la tierra es como una madre que cuida de sus hijos en la concepción, cuida en el nacimiento, cuida en el crecimiento, cuida en la vida adulta, cuida durante la vejez y cuida nuevamente cuando se llega al final de la vida. Cuida hasta volver nuevamente adentro de la tierra. Por eso, tenemos una relación de respeto con la tierra.

La ESCUELA VIVA viene a fortalecer las lenguas NHEENGATU y BANIWA. Es importante que se tenga conciencia para que nunca se pierdan las lenguas originarias indígenas, que cargan en sí, riquezas y conocimientos diversos de la vida y de la naturaleza. Los padres deben continuar hablando con sus criaturas sus lenguas en el día a día. Los padres deben enseñar a las criaturas que la lengua que hablan tiene el mismo valor que la lengua portuguesa y otras lenguas nacionales. La enseñanza debe incentivar las prácticas culturales y lingüísticas de las danzas, música, teatros, en las comunidades en colaboración con la escuela, siempre en sus lenguas maternas y paternas. La alfabetización (oral y escrita) debe ser siempre en la lengua paterna y materna y después en la lengua portuguesa. Es interesante adoptar el método de “enseñanza por medio de la investigación” para que los estudiantes puedan estar preparados para ser investigadores de sus propias lenguas al terminar la enseñanza media. Las producciones de material didáctico deben ser en lenguas indígenas, tanto para ser usados en la alfabetización, como para la enseñanza fundamental y media.

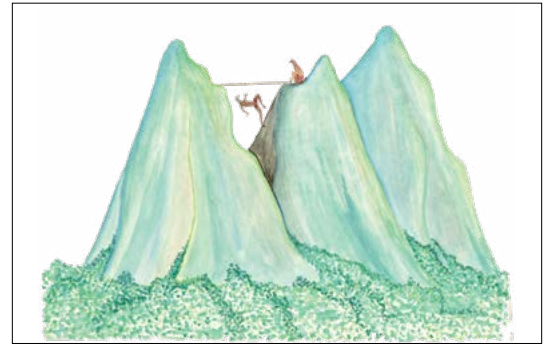
Junto con la comunidad Assunção do Içana, vemos la ESCUELA VIVA como el futuro. Tenemos muchos sueños y peticiones, y por medio de esta iniciativa, vamos a trabajar en colectivo para fortalecer nuestras lenguas indígenas, nuestra danzas, cantos y artesanía.



FRANK BANIWA
Inambu fue a hacer Dabucuri
para Sucurijú y sus hijas, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Camino con dos plumas,
2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Inambu mata a Mucura en las montañas
de Waliitshi Dzapani, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Abuela de Mucura
descubre que mataron
a su nieto, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



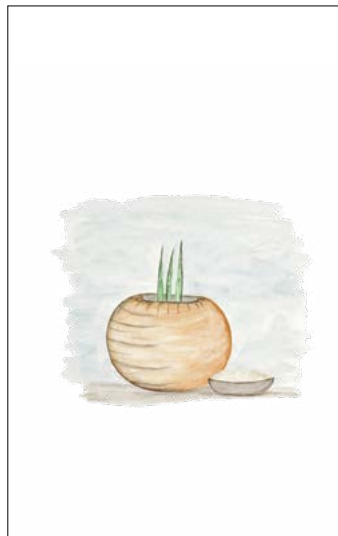
FRANK BANIWA
muchacho encontró un trozo
de hueso Inambu, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



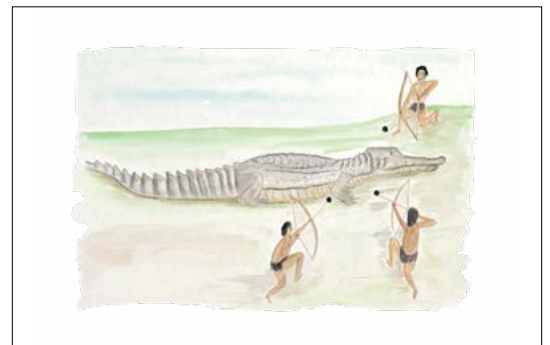
FRANK BANIWA
La abuela de Mucura cocinando
el corazón de su nieto asesinado
por los Inambu, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



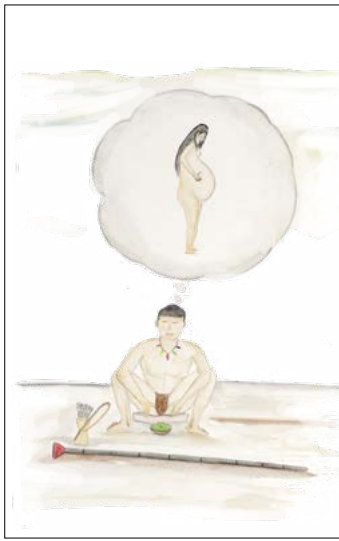
FRANK BANIWA
Abuela encontró tres dzoodzo
en el lago Ipekokalitani, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



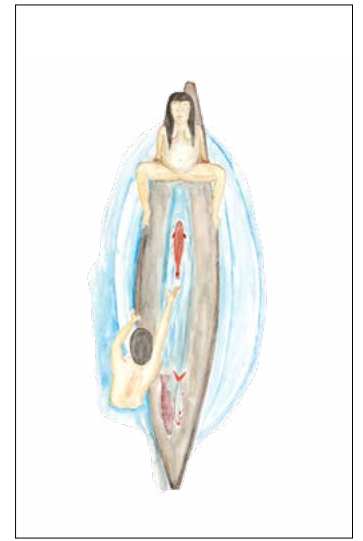
FRANK BANIWA
Dzoodzo dentro de
kowaida, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Los hekoapinai flechan
a su abuelo, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



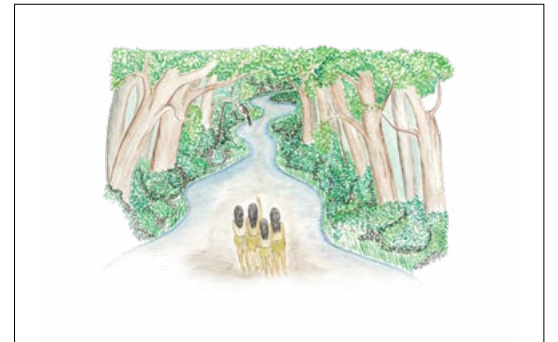
FRANK BANIWA
A través del pensamiento Ñapirikoli
preña a su tía Amaro, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



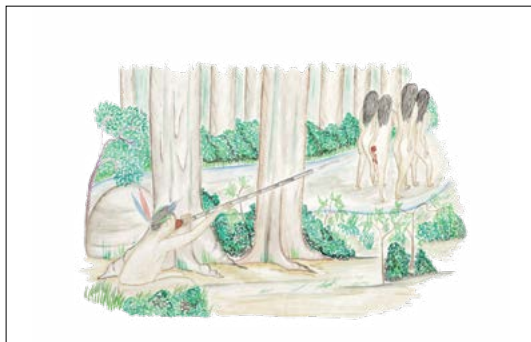
FRANK BANIWA
Ñapirikoli hace la primera vagina
y el nacimiento de Kowai, 2023
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Este niño no es mi hijo, 2023
Acuarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Amaro y las mujeres huyeron, 2023
Acuarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



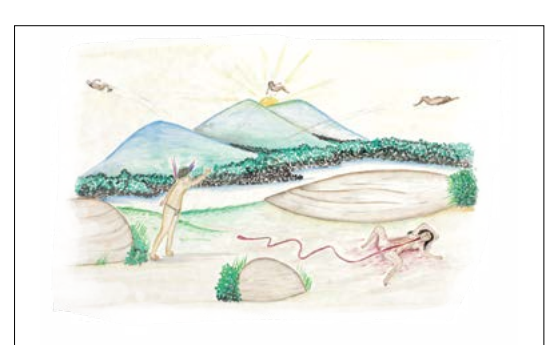
FRANK BANIWA
Ñapirikoli le disparó en el culo, 2023
Acuarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Ñapirikoli se convierte en sapito, 2023
Acuarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



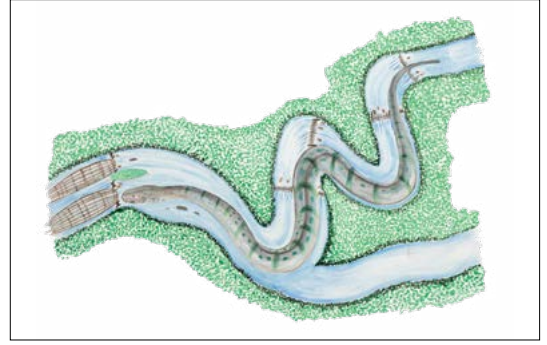
FRANK BANIWA
Piernas de arumã de Ñapirikoli y su
hermano a través de la bendición, 2023
Acuarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



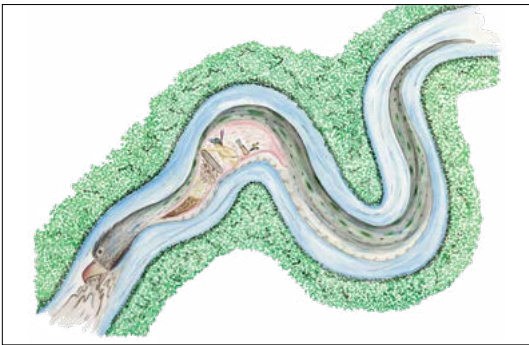
FRANK BANIWA
La muerte de Amaro, 2023
Acuarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



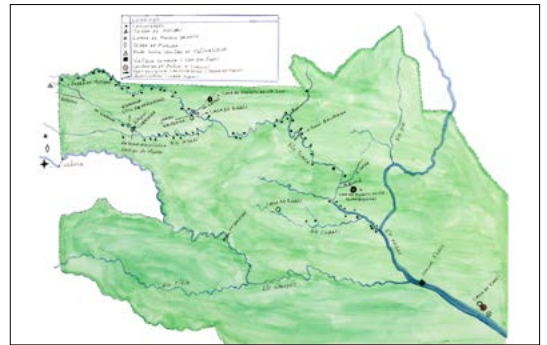
FRANK BANIWA
 liniríwheri lo arrastró de lejos,
 haciendo un remolino, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
 liniríwheri en su viaje del Alto Uaupés
 a São Gabriel da Cachoeira, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
 Koitsínawheri bajando el río
 con él hacia el océano, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
 Mapa, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



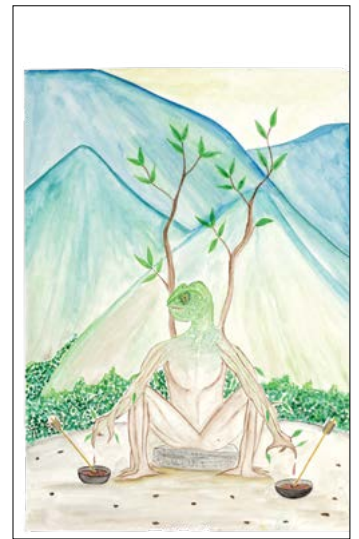
FRANK BANIWA
 Kaali, el dueño de
 los campos, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
 Pinaiwali, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
 Kowaii, 2023
 Acuarela sobre papel
 29,7 x 42,0 cm



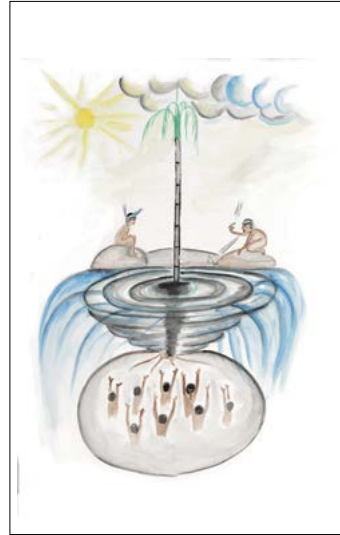
FRANK BANIWA
 Káattiwa, el dueño
 del Wirarí, 2023
 Acuarela sobre papel
 9,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Dzóoli sopló su cigarrillo sobre sus cuerpos y sus cabezas mientras salían del hueco, 2023

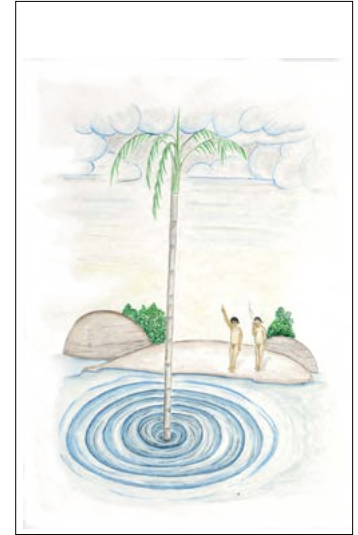
Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Ombligo del mundo, 2023

Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Trampa paxiúba para matar a Nãpirikoli, 2023

Acuarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



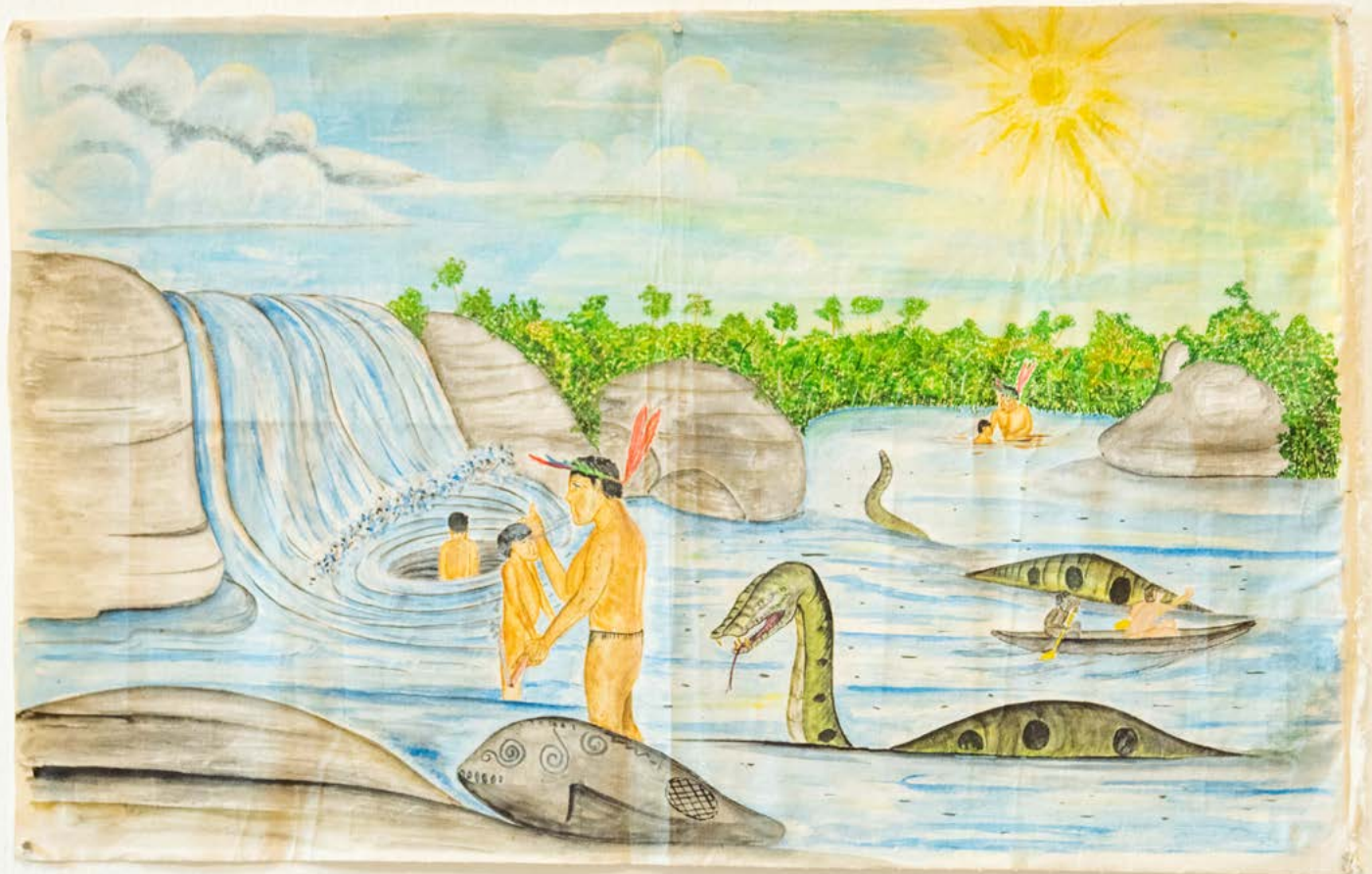
Las 74 acuarelas fueron hechas para el libro [Umbigo do mundo](#) [Ombligo del mundo], donde es posible profundizar en la cosmología del pueblo Baniwa.



Sugerimos también la lectura del [Cuaderno Selvagem](#) de Tânia Stolze Lima



[Umbigo do mundo](#) [Ombligo del Mundo] fue lanzado durante una vigilia de oralidad en los alrededores del Museo Nacional en 2023. Los registros de esa noche alrededor del fuego están disponibles online en el ciclo [Memorias ancestrales](#).



FRANK BANIWA

Nacimiento de la Humanidad en Cascada Wapui, 2023

Acrílico sobre lienzo

52 x 83 cm

NACIMIENTO DE LA HUMANIDAD EN LA CASCADA WAPUI por Francy Baniwa

Después de todos los acontecimientos, de las transformaciones, ÑAPIRIKOLI vio que ya no había nada más que hacer, pues todo ya había sido hecho por él. Entonces comenzó a pensar sobre los seres humanos. ÑAPIRIKOLI llamó a DZOOI, el dueño del benzimento. DZOOI hizo una horquilla para poner su cigarro. Entonces ÑAPIRIKOLI dijo: — Quiero que salga mi hijo HOHOODEMI (Inambu).

En ese mismo momento, los animales sagrados comenzaron a cantar y a jugar, desde las profundidades de la tierra hasta este mundo, a través del agujero de la cascada HIIPANA. ÑAPIRIKOLI estaba allí sentado, escuchando las voces de los animales sagrados, y así nacieron todos los clanes, y cada uno se fue a su territorio específico.



FRANK BANIWA
Nacimiento de Kowai, 2023
Acrílico sobre lienzo
52,3 x 84 cm

NACIMIENTO DE KOWAI por Francy Baniwa

Cuando AMARO empezó a sentir los dolores del parto, no había forma de que el niño naciera, ya que no tenía vagina. Entonces ÑAPIRIKOLI le pidió a AMARO que se sentara y se abriera en la proa de la canoa, mientras él pensaba cómo hacer una vagina para que su hijo pudiera nacer. Así que se puso manos a la obra. El primer intento fue con el pez ALAAWI (jacundá rojo). Lo lanzó por la proa de la canoa hacia Amaro, pero no funcionó. El segundo intento fue con el pez KEXEKOLI (aracú de boca roja). Volvió a lanzarlo hacia AMARO, pero no funcionó. Estaba a punto de morir y sus fuerzas pendían de un hilo. Finalmente, ÑAPIRIKOLI agarró el pez WAAWI (un jacundá liso) y se lo lanzó por tercera vez, y esta vez el pez consiguió atravesar a AMARO, haciéndole la vagina.



FRANK BANIWA

Kamathawa, dueño de Maliikai: división del mundo Medzeniakonai en niveles cósmicos, 2023

Acrílico sobre lienzo

84 x 106 cm

KAMATHAWA, DUEÑO DEL MALIIKAI: DIVISIÓN DEL MUNDO MEDZENIAKONAI EN NIVELES CÓSMICOS

por Francy Baniwa

Nosotros, los BANIWA, afirmamos que, además de éstos, existen otros mundos que no podemos ver. WAPIAKOIA, "el lugar de nuestros huesos", es donde vivían los humanos antes de que nacióramos en este mundo. El nivel intermedio es este mundo, HEKOAPI, donde vivieron ÑAPIRIKOLI, KAALI, DZOOI, AMARO y otros seres HEKOAPIAI, EENONAI y DOEMIENI. El mundo en el que vivimos hoy estuvo habitado por otros tipos de seres humanos. Por encima de la capa de nuestro mundo se encuentra el otro mundo, APAKOA HEKOAPI, hogar de diversos espíritus y deidades relacionados a los especialistas MALIIRI, IÑAPAKAITA y MAADZERO. Sólo los chamanes tienen acceso a este plano a través de su poder para ver estos otros mundos, de su paricá, del rapé y de los sueños, que les hacen viajar a estos otros mundos



FRANK BANIWA
Iiniriwheri, 2023
Acrílico sobre lienzo
51,5 x 82,4 cm

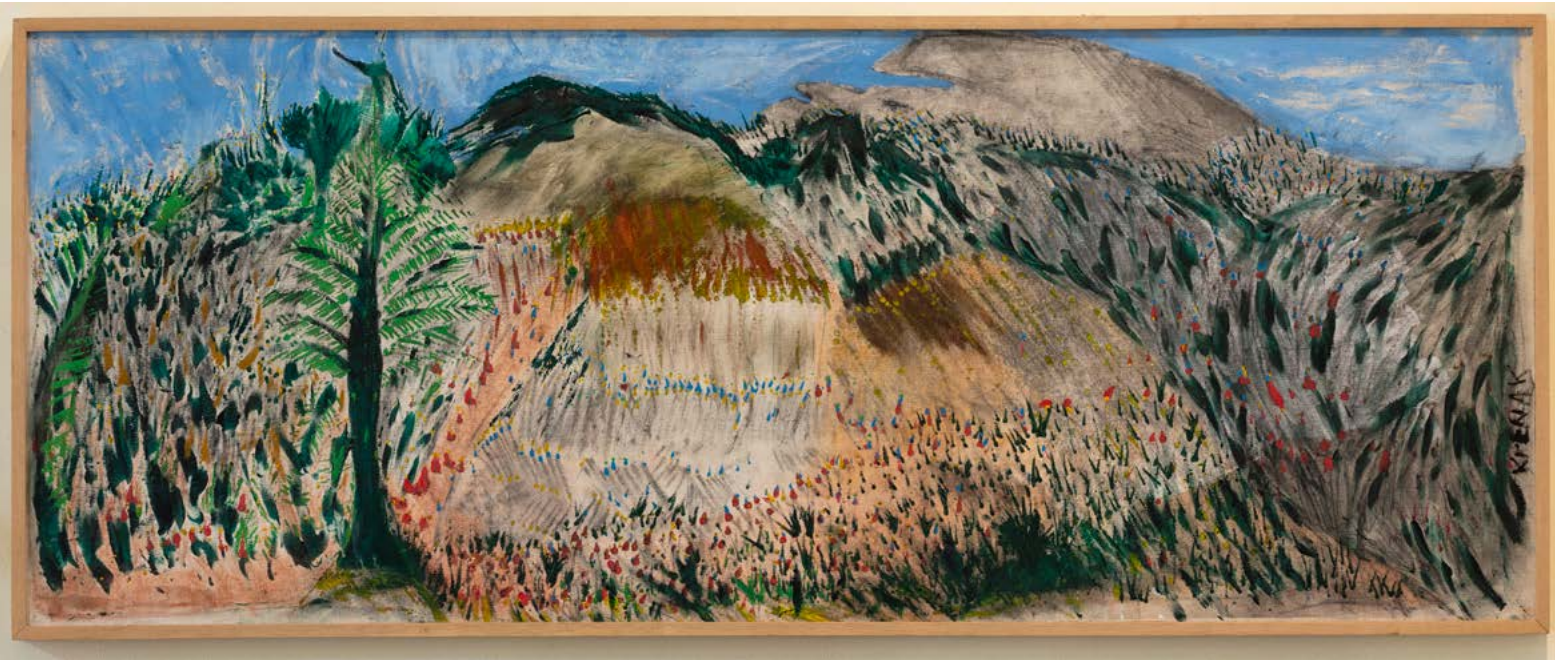
IIRIWHERI (ABUELO TRÁIRA)

por Francyy Baniwa

IIRIWHERI era un gran YOOPINAI, un ser maligno y muy peligroso, que adoptaba la forma de un enorme pez anaconda. En aquella época, HEERI, hermano de ÑAPIRIKOLI, era muy marupiara. Cuando iba a pescar, siempre volvía con muchos peces. Todos los días cogía su caña de pescar, desaparecía y al poco tiempo volvía con muchos peces. ÑAPIRIKOLI descubrió que su sobrino tenía una herida y que era una pusanga, que atraía a los peces. Así que un día ÑAPIRIKOLI le dijo a su sobrino: “Ven conmigo, quiero matar muchos peces”. Y así se lo llevó con él.

Llegando al lugar, ÑAPIRIKOLI lo dejó sentado en un tronco de árbol IIDZAPA. De su herida comenzó a caer un líquido que, en el mismo momento, comenzó a atraer a los peces. ÑAPIRIKOLI empezó a apuntar flechas a los peces y se puso muy feliz de ver tantos peces queriendo lamer el líquido que salía de la herida que salpicaba en el agua. Cuando éste le dice que IIRIWHERI ya estaba llegando, no le dio el tiempo a ÑAPIRIKOLI reaccionar; IIRIWHERI lo arrastró lejos, formando un remolino. No hubo tiempo de salvar al muchacho, y fue devorado por el gran Traíra-Cobra.

LA PINTURA DE AILTON KRENAK EN LA EXPOSICIÓN



AILTON KRENAK
Rangat [Roca Lagarto], 2010
Carboncillo y óleo sobre lienzo
70 x 172 cm

RANGAT - PIEDRA DEL LAGARTO

Este trabajo registra mi fuerte relación con el macizo del Espinhaço, en la parte sur de la cordillera. La cantera fue nombrada así por haber sufrido la extracción comercial de la piedra monumento, patrimonio natural, medida de protección contra el interés comercial de la extracción de bloques de mármol local.

AILTON KRENAK

AILTON KRENAK es un filósofo de la selva reconocido como líder pionero del movimiento indígena en Brasil, con un papel destacado en la Constitución de 1988. A lo largo de su trayectoria, AILTON siempre ha pintado lienzos que, junto con sus libros, componen sus pensamientos. Sus cuadros dialogan con lo que las ESCUELAS VIVAS viven en sus territorios: el trenzado del arte, la belleza, el conocimiento y el activismo.

MALOCA DAS CRIANÇAS

Uma ação do Grupo **Crianças** da Comunidade **SELVA-
GEM**, que elabora vivências e materiais lúdicos e pedagógi-
cos com e para crianças. Movimenta-se no sentido de tor-
nar outros mundos possíveis.

O fio condutor é o Sol,
fonte primária da energia da vida.

A partir do Sol, são tecidas pesquisas de histórias
de origem e organizadas oficinas que criam diálogos com
crianças e jovens.

O grupo articula-se com as **ESCOLAS VIVAS** através
de encontros que colaboram para o acordamento e a cria-
ção de memórias pluriversais.

A coordenação é feita por **Veronica Pinheiro**, artis-
ta, brincante, professora da Rede Pública Municipal do
Rio de Janeiro e pesquisadora do ensino de arte para as
relações étnico-raciais como mestranda do Programa de
Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro (UERJ).



MALOCA DE LOS NIÑOS

Es hora de contar historias a nuestros hijos, de explicarles que no deben tener miedo. No soy un predicador del apocalipsis, lo que intento es compartir el mensaje de otro mundo posible.

AILTON KRENAK, *O amanhã não está à venda* [El mañana no está en venta].

El Grupo Crianças [Grupo Niños] es una iniciativa de la comunidad Selvagem que desarrolla experiencias y materiales lúdicos y pedagógicos con y para niños.

A lo largo del año, realiza encuentros con niños y profesores en escuelas públicas, museos, pueblos y quilombos para compartir conocimientos y actividades artísticas y culturales mediadas por personas indígenas y quilombolas.

El grupo se moviliza para hacer posibles otros mundos. El hilo conductor del grupo es el Sol, fuente primaria de la energía de la vida. A partir del sol, se tejen las investigaciones de las historias de origen y se organizan talleres que crean diálogos con los niños.

El grupo se articula con ESCUELAS VIVAS a través de la experiencia de los encuentros que colaboran para el despertar y la creación de memorias pluriversales.

La coordinación es hecha por Verónica Pinheiro, brincante, profesora de la Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro e investigadora de la enseñanza del arte para las relaciones étnico-raciales como estudiante de maestría en el Programa de Posgrado en Artes de la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ).





AYU OONI KUP BA'ASE YAME OONIDIKA JAXY PIRU TUSA YI SU TATA YUTY REPREEN MIPKO VYRA DEEPI MINNUT YGUAXU KEERI INU MOÄ-MAIÄ PUTUXNÄG WAKITS

ENCANTADA



Kauê y Cassiel en la canoa encantada de la Maloca de los niños.
Fotografía de Clara Almeida.

ACTIVIDADES EN LA MALOCA DE LOS NIÑOS

VIVA ESCOLA VIVA Y LOS GUARDIANES DE LA SELVA

Día 02 de diciembre de 2023

Taller de creación dedicada a la semana de apertura de la exposición VIVA VIVA ESCOLA VIVA. Por medio de historias contadas por la educadora Veronica Pinheiro, el público infantil conoció el mito de La canoa de la transformación. Se realizaron talleres de dibujo, Telar, creación de marionetas y bio-joyería, mediados por ELYRA SATERÉ MAWÉ.



Clara Almeida



Clara Almeida

TIERRA VIVA MAXAKALI

Día 09 de diciembre de 2023

Una experiencia de inmersión al mundo de las pinturas naturales, práctica de experimentación de teñido con pinturas ancestrales. Mediada por Jhon Bermond, la actividad articuló memorias, saberes y prácticas tradicionales. También se contaron historias y se hizo una visita guiada a la exposición de pinturas sobre tela.



Fotos de Ericka Reis

AYAXI TAKUA: EL MAÍZ SAGRADO GUARANÍ

Día 16 de diciembre de 2023

Una inmersión en el mundo de los mitos y la creación de animaciones. Con la mediación de Matheus Marins, del Laboratorio de Animación, los niños crearon sus propias animaciones para contar historias utilizando procesos experimentales y diversos materiales. El mismo día, celebramos una ronda de conocimientos y sabores sobre la alimentación y los afectos, con la mediación de Cláudia Lima.



Fotos de Ericka Reis

UN RÍO UN PÁJARO

Día 13 de enero de 2024

Este día hubo dos talleres: uno para mirar al cielo y otro para mirar a la tierra. Talleres de fabricación de cometas y de sembrado de esquejes, acciones pensadas para construir diálogos entre la vida, la naturaleza y los sueños.



PERMISO PARA LA ABUELA ARCILLA

Día 24 de enero de 2024

“Abuela, dueña de las arcillas, venimos a buscar arcilla para mi trabajo”. Esas son las palabras dichas por las mujeres Tukano al ir a buscar arcilla. En este encuentro, con orientación de las ceramistas Cacau Porto y Bia Jabor, tuvimos intercambios de saberes y prácticas sobre la relación sagrada y artística con la arcilla. El taller para niños fue un momento de creación de posibilidades de intimidad con la tierra. Repensar la relación con los seres es una de las formas de reducir los desperdicios presentes en los procesos escolares y artísticos, además de ampliar las posibilidades del compromiso con la vida.



APERTURA, SEMINARIO Y CIERRE

Tanto el inicio como el cierre de la exposición fueron marcados por momentos lindos de intercambio colectivo, alineados con la fuerza motor tanto de Selvagem y de las ESCUELAS VIVAS, lo que dicen con respecto a la circularidad, la diversidad y del espacio para la escucha atenta.

El día 2 de diciembre de 2023, celebramos la apertura de la exposición [VIVA VIVA ESCOLA VIVA](#) con una gran rueda de charlas y de cantos en el salón de la Casa Francia-Brasil. Contamos con la presencia de una linda comitiva indígena, representantes de 5 ESCOLAS VIVAS y también con la participación especial de MOISÉS PIYÁKO y de AILTON KRENÁK.



Ese día también tuvimos un taller del Grupo de Niños y el lanzamiento del libro *Um rio um pássaro* [Un río un pájaro] de Ailton Krenak, publicado por Dantes Editora. La película [VIVA VIVA ESCOLA VIVA](#), disponible en el canal de Youtube de Selvagem y que presenta algunas escenas del día de la inauguración de la exposición.



A continuación, el 4 de diciembre, celebramos el seminario **APRENDIZAJE VIVO**, dirigido a todas las personas interesadas en cuestionar los modelos actuales de educación. Fue una oportunidad para escuchar más de cerca la sabiduría de las **ESCUELAS VIVAS** presentes, así como las experiencias compartidas por el público y sus preguntas, reflexionando juntos sobre el conocimiento tradicional, sobre la relación entre los seres vivos y sobre los caminos para que la educación incluya narrativas más pluriversales.

[VIVA VIVA - EXPOSICIÓN ESCOLA](#), un artículo de Mariana Rotili en **ARCA**, narra en detalle la inauguración y el seminario **APRENDIZAJE VIVO**.



Nuestra nave volvió a girar el 24 de enero de 2024, celebrando los últimos días de la exposición abierta al público. Con una visita guiada a toda la exposición, seguida de una ronda de charlas y cantos a cargo de **CRISTINE TAKUÁ**, Anna Dantes, Leda Maria Martins, Veronica Pinheiro y Viviane Fonseca-Kruel. En lugar de un cierre, lo que creamos juntos fueron nuevas conversaciones y aperturas. Las **ESCUELAS VIVAS** desembarcan de la Casa Francia-Brasil y siguen su camino revigorizadas.

[UMA CIRANDA ENTRE MEMÓRIAS](#), artículo de Daniel Grimoni, nos habla de la visita guiada y la ronda de charlas del 24 de enero.



GRABACIÓN DEL CICLO SOL

Como parte de la visita de los invitados a Río de Janeiro para la inauguración de la exposición *VIVA VIVA ESCOLA VIVA*, fue posible grabar narraciones sobre el SOL de cada cultura para incluirlas en el nuevo ciclo *Selvagem* que se lanzará en YouTube a lo largo de 2024.



MEDIACIÓN

Durante toda la exposición, contamos con la presencia de un hermoso equipo de mediadores de la Comunidad Selvagem, participantes de los grupos Producción y ESCUELAS VIVAS.

Además de recibir y conversar con el público, los mediadores también hicieron fotografías, participaron en visitas guiadas, grabaron entrevistas con los visitantes y cuidaron de nuestro jardín de plantas maestras.



SUELO LA CAÑA

¿Qué siente una caña de azúcar?

¿Qué nos diría la voz de esta planta tras siglos de explotación?

Estas son algunas de las cuestiones planteadas en Suelo de Caña, obra escénica de Izabel Stewart presentada el 13 de enero de 2024 en la Casa Francia-Brasil, dentro del programa de exposiciones.

En el escenario, el cuerpo de una mujer se transforma en caña de azúcar, icono de la cultura mono-agro-pop, una planta que con el tiempo ha visto su cuerpo retorcido por los engranajes de un sistema que sostiene las desigualdades y tritura el planeta.

Izabel ha incorporado caña de azúcar junto a plantas maestras autóctonas cultivadas por pueblos indígenas y obras de artistas indígenas, proponiendo diálogos en un edificio colonial que fue escenario de transacciones comerciales y aduaneras. En el mismo suelo por el que un día transitaban mercancías y cuerpos esclavizados, se han cultivado invitaciones a la imaginación y prácticas de otras formas de relación entre seres.

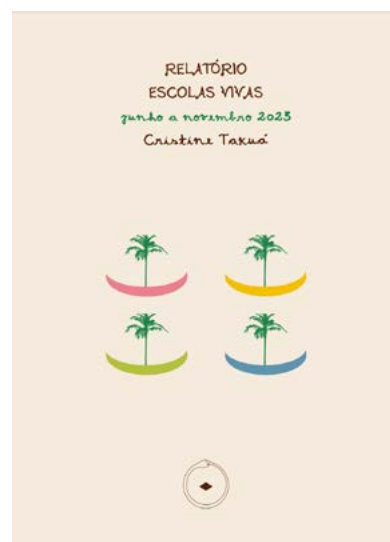
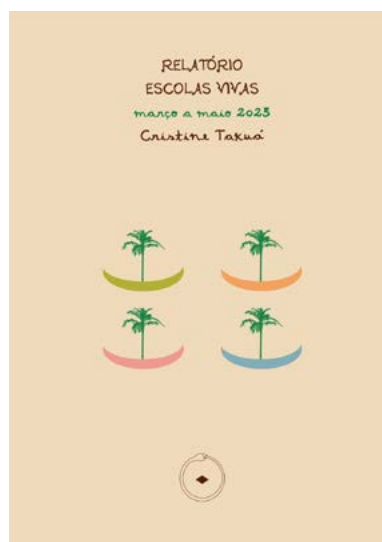
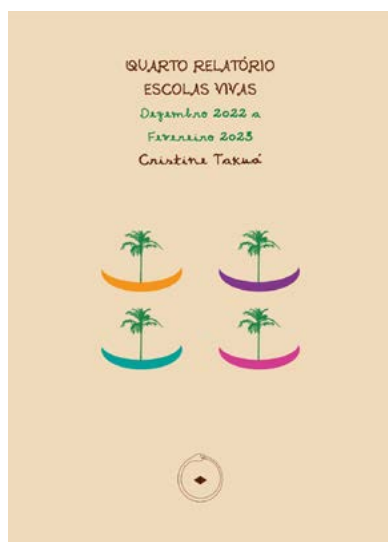
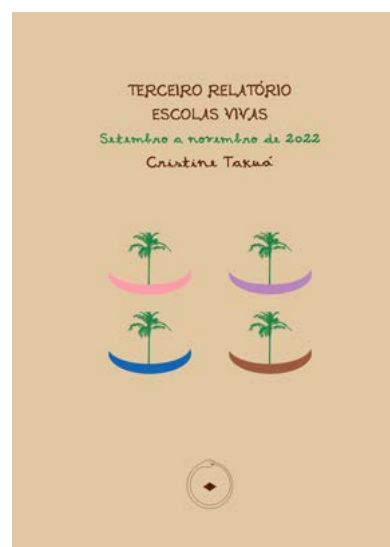
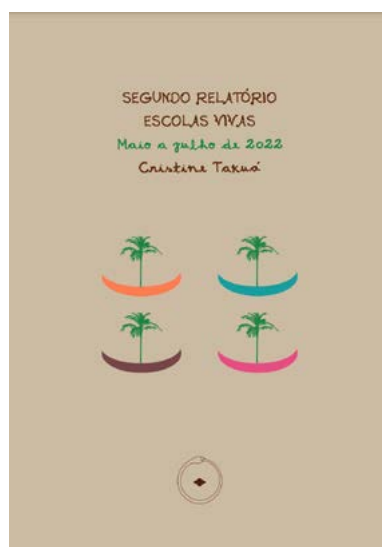
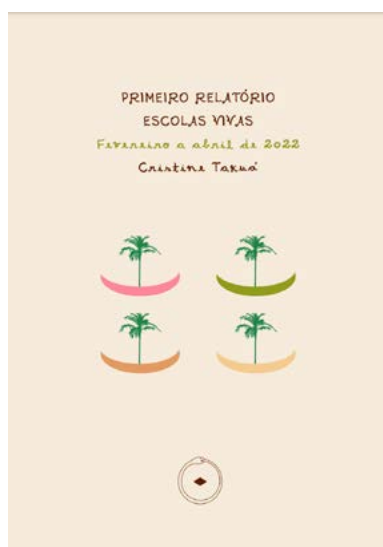
Izabel de Barros Stewart es artista escénica, intérprete y pedagoga. En septiembre de 2023 estrenó “Solo da Cana” (Suelo de caña), su primera obra como dramaturga y actriz, dirigida por João Saldanha y producida por Renata Blasi.

Más información sobre el espectáculo en el artículo [A CANA EM CENA](#), publicado en ARCA.



INFORMES

Los informes preparados por Cristine Takuá y editados por Selvagem, relatan las experiencias de cada ESCUELA VIVA en los últimos años, utilizando textos e imágenes.



CRÉDITOS

Curaduría y coordinación de las Escuelas Vivas | CRISTINE TAKUÁ

Dirección de arte y diseño gráfico | ANNA DANTES

Producción general | MADELEINE DESCHAMPS

Asistente de curaduría de la colección Maxakali | PAULA BERBERT

Asistentes de producción | DANIEL GRIMONI Y ALICE FARIA

Colaboración de diseño gráfico | ISABELLE PASSOS

Coordinación Grupo Niños Selvagem | VERONICA PINHEIRO

Comunicación | MARIANA ROTLI

Financiero | LUCAS SAMPAIO WAGNER

Jardín | Jardim Botánico de Río de Janeiro

MARCUS MADRUZ, VIVIANE DA FONSECA-KRUEL Y PRISCILA COELHO

Casa de Esencias | JULIANA NABUCO Y ISAKA MATEUS HUMI KUI

Colaboradoras vegetales (fumadores, fumigadores y jardineros)

JULIANA NABUCO Y VERA FRÓES

Canoa | AFONSO DOS SANTOS SILVA - CARPINTEIRO NAVAL

Mobiliarios y montaje | ATELIÊ ARTE DE OBRA

Asistente de montaje | HELOÍSA FRANCO PALMEIRAS | URCENOGRAFIA:

JAINY DE SOUSA, MARCELO JÚNIOR, VINÍCIUS DE JESUS E BIRA

Proyecto de iluminación | DIANA JOELS E PAULA CARNELÓS

Equipo de montagem y de iluminación | ART & LUZ

Sonido | LF SOUND SONORIZAÇÃO

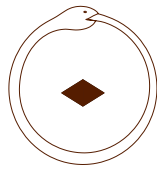
Diseño de los textos informativos | CRISTINE TAKUÁ

Mediación | Comunidade Selvagem

ANGELA GUIMARÃES, CAROLINA LUISA COSTA, GABRIEL RUFINO, GIANA BESS, JESSICA ORNELAS, KIM QUEIROZ, MARIANA MONTENEGRO, MARIANA LLOYD, IVY MORAIS

Fotos para el catálogo: PEPÊ SCHETTINO (salvo las que tienen crédito en la propia imagen)

REALIZACIÓN:



COLABORACIÓN:



JARDIM
BOTÂNICO
RIO DE JANEIRO
DESDE 1808

APOYO:



Luiz Zerbini
Maura Brésil
Rodrigo Quintela
Refazenda Ewá Luzia



NOVO HUMANO



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Para donar a través de PIX o PayPal,
acceda al portal de captación: www.gruposauva.com



PIX

e-mail: escolasvivas@gruposauva.com

TRANSFERENCIAS INTERNACIONALES:

Associação de fomento ao empreendedor

socio cultural educacional Sauva

CNPJ: 35.423.233/0001-81

IBAN: 8R7200000000030100000042692C1

SWIFT code BRASBRRUBHE

No olvides de informar en el concepto
que tu donación es para el proyecto ESCOLAS VIVAS.

LAS ESCOLAS VIVAS

RECIBEN

Y SE FORTALECEN



El trabajo de producción editorial de los cuadernos Selvagem se realiza en conjunto con la comunidad Selvagem. La coordinación editorial es de Alice Faria y la adaptación del diseño para la versión en español a cargo de Tania Grillo. La coordinadora editorial de traducciones al español es Daniela Ruiz.

Más información en selvagemciclo.com.br

Todas las actividades y materiales de Selvagem se comparten de forma gratuita. Para aquellos que deseen retribuir, los invitamos a apoyar financieramente a las Escuelas Vivas, una red de 5 centros de formación para la transmisión de la cultura y el conocimiento indígena.

Obtenga más información aquí: selvagemciclo.com.br/colabore

Traducción | LUNA ACOSTA

(n.1989 Medellín, Colombia) Es artista visual, investigadore, curadore y docente. Colombiane, actualmente radicate en Barcelona. Actualmente es coordinadore de proyectos pedagógicos en La creatura, cooperativa para inserción laboral para mujeres personas trans y no binarias en Barcelona, hace parte del gremio de mediación participativa en el Centro de Arte Santa Mónica y es aprendiz y traductor de Portugués al Español en la hermosa Comunidad Selvagem.

Traducción | MARY HATAKEYAMA

Madre, jardinera, profesora, traductora. De São Paulo, Brasil. Se graduó en letras y pedagogía. Desde 2022 participa en la Comunidad Selvagem, colaborando en los grupos de traducción de textos al español y al inglés, donde lee, traduce y revisa textos de manera colectiva y artesanal.

Corrección de pruebas | DANIELA RUIZ

Desde 2020 es estudiante del Ciclo Selvagem, comunidad que colabora en los grupos de Comunicación y Elaboración de Textos, donde coordina el grupo de traducción al español. Nacida en São Paulo, es brasileña, arquitecta y paisajista. Tiene un vínculo profundo con las plantas y sus tiempos. Su relación con el mundo vegetal se desarrolló a lo largo de muchos caminos de experimentación con las artes, la botánica, el paisajismo y la jardinería. Actualmente está aprendiendo con la planta del té y todo lo que la rodea. Es madre y vive en Barcelona.

Cuadernos SELVAGEM
publicación digital de la
Dantes Editora
Biosfera, 2024





¡VIVA VIVA!

